

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: SILVANA CAMPOS

Muito prazer! Sou a Silvana Campos

A tenista ribeirão-pretana superou traumas e passou a cuidar de pessoas por meio do tênis

REPÓRTER:
ALCIDES JUNIOR

O tênis feminino brasileiro chegou novamente ao topo do ranking mundial com Bia Hadad. Mas, antes dela, tenistas brasileiras já haviam feito história, como a ribeirão-pretana Silvana Campos, na década de 1980. A ex- atleta afirma que não se pode comparar o tênis de 40 anos atrás e, menos ainda, com Maria Esther Bueno, principal tenista brasileira de todos os tempos, que esteve no auge entre 1957 e 1968. No entanto, foram aquelas tenistas que abriram as trilhas para os atuais destaques, como a dupla Laura Pigossi e Luisa Stefani, medalhas de bronze nas Olimpíadas do Japão. Nesta entrevista, Silvana lista suas conquistas, cita o trauma particular que provocou sua prematura retirada do tênis e relata que continua utilizado o tênis como ferramenta de cunho social e assistencial.



Voltará ao Brasil em outra dimensão com a carreira em outro caminho. Hoje ela tem profissionais que ficam no Brasil. Não tem como levar todos. Nós só tínhamos o técnico que, às vezes, nem viajava e dividíamos tudo com as outras atletas. Nós jogávamos e nos apoiávamos.

Você vê a Bia, a Laura, a Luiza numa posição abaixo do Top 10?

Acompanho as três, jogando neste nível, mas uma lesão no esporte individual pode mudar as coisas. Com 30 anos, Bia tem um ranking incrível, o que já é um feito. Se ela conseguir se manter ficará entre as 10 do mundo. A Bia vai começar a defender seus pontos. Ela precisa se manter aí por pelo menos dois anos. Não será fácil.

Vendo as meninas, pensamos que elas saíram do nada? Mas, tem uma construção de 10 anos no mínimo, não é?

Não saíram do nada, só que estourou na mídia. Poderia ter sido outras que estavam na mesma jornada. Aquela conspiração aconteceu. Daqui para frente é só se manter ali para conseguir avançar. O funil é muito pequeno.

No tênis passar da primeira fase para seguir no torneio é complexo?

No tênis você perde muito. Se existem 128 jogadores numa chave 127 perdem, um só ganha. Perder no tênis é comum. A derrota é coisa corriqueira neste esporte.

O tênis foi acidente? Você praticava outro esporte antes dele e daí pegou na raquete e deu certo?

Fui criada em clube em Ribeirão Preto, com todos os esportes disponíveis. Mas, a determinação no esporte conta muito, eu gostava e queria. Em 1976, com 9 anos, meu irmão e técnico Paulo Campos me colocou numa clínica de tênis em Brasília. Nossos pais admitiam que conhecêssemos situações, sem decidir por nós. Eu não era alta, não era a mais forte. Tinha determinação e grande força. Sempre existe a seleção natural.

Quando percebeu que tinha ranking para se profissionalizar?

A verdade é que fiquei muito tempo no juvenil. Se o tempo pudesse voltar, eu, com 15 anos, não teria jogado mais no juvenil. Passaria a enfrentar as grandes. Eu

era madura, não era técnica ou fisicamente, mas tinha maturidade mental, era muito preparada.

As competições mudaram a rotina da vida? Como foi no clube, na escola, na família, na sociedade?

Eu tinha obrigações e situações inusitadas. Tive uma professora fantástica. Não fazia prova, pois ela afirmava que minha prova era na vida. Eu me virava nos 30, nessa rotina de treinamentos, entrevistas e vida social. Depois voltava a jogar.

Quanto tempo você jogou no profissional? Como viveu este tempo?

Só joguei um ano e meio e foi grande. Saí do primeiro lugar juvenil para ser mais uma no circuito. Antes, tinha respaldo da organização. Era acompanhada pela confederação. Tinha boa situação no juvenil, mas no profissional não tínhamos a mesma estrutura. Era um vai com Deus. Foi sofrido, vinha fazendo bons resultados, mas aí tive um trauma pessoal. E a coisa foi pro brejo de vez.

Quais foram suas principais conquistas?

Campeã dos jogos regionais e abertos, brasileira juvenil e no adulto. Sul-americana, 4º lugar no Panamericano 1983. Jogou nas Olimpíadas de 1984 e fui semifinalista de Roland Garros juvenil.

Como foi a decisão de mudar de técnico, deixando seu irmão, Paulo Campos, e contratar o profissional Sergio Ferreira?

O Paulo não podia mais me acompanhar, por razões pessoais. O Sergio começou a me acompanhar, me apaixonei por ele e ele por mim; não era mais a atleta e o treinador, unimos o útil ao

agradável. Eu estava subindo no ranking. Mas, antes do início da temporada de 1984, ele sofreu um aneurisma, com 30 anos. Eu tinha 18. Foi fatal. O mundo despencou. Voltei ao Brasil sem forças para seguir, mesmo com toda determinação. Botei as raquetes na mesa e informei minha mãe que não jogaria mais. Precisava de tempo para entender os fatos. Foi o ponto divisor. Nunca tinha tido uma tristeza no tênis.

Derrota não é tristeza?

De jeito nenhum, derrota nunca me impediu de voltar no outro dia e treinar para o próximo torneio, mas fiquei fraca com o trauma e refleti. Caramba, o mundo não é este.

Você faz ações assistenciais no tênis?

Sim, no meu projeto social já fui treinadora, professora e agora a coordenadora. Não entro num projeto social pensando em achar um grande atleta. Tenho conexão com todos os meninos que passaram na minha vida e, não foram poucos. Com a rede social então, não perdi o contato com eles. São ótimas pessoas. ◆

MURAL ENTREVISTA - Bia Hadad é a Silvana Campos dos anos 1980?

SILVANA CAMPOS - São situações diferentes e incomparáveis. Houve mudanças nos esportes que não permitem a comparação. Fomos pioneiras na época, deixamos um legado para hoje termos a Bia Hadad. Não cheguei no nível dela, mas atingi um nível maior do que almejava.

Hoje a Bia Hadad tem técnico, psicólogo e preparador físico para chegar ao topo. Antes, o técnico absorvia tudo?

Com certeza. A Bia ainda não tem o staff dela. Viaja com o técnico Rafael Paciaroni.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp - Universidade de Ribeirão Preto. **Coordenador do curso de Jornalismo** Profº Geraldo José Santiago **Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)** Profª Elivanete Zuppolini Barbi **Projeto Gráfico** Prof. João Flávio de Almeida **Pautas, entrevistas e redação** Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa **Apoio técnico** Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: SARAH OKUBO

Brechós: sustentáveis e atraentes

O comércio de roupas e outros produtos seminovos criam uma moda circular e consciente

REPÓRTER: MARIA AMÁLIA MARQUES

Um estudo da Boston Consulting Group indica que o comércio de roupas usadas, os famosos brechós, vão deixar as Fast-Fashions para trás até 2030 com um aumento de 15 a 20% no seu consumo. Este aumento já vem acontecendo por meio de lojas físicas e digitais. A ribeirão-pretana Sarah Okubo, 20 anos, estudante de Produção de Moda, trabalha com esse mercado e fala sobre questões como consumo consciente e volta de tendências.

MURAL ENTREVISTA – Segundo pesquisas mercadológicas, houve um aumento no consumo de roupas reutilizadas e também de consumidores de brechós. Qual é o principal fator que influencia esse crescimento?

SARAH OKUBO – Eu pude observar que durante a pandemia, a busca por brechós foi aumentando cada vez mais. Pode ser pelo fato de as pessoas estarem em casa e verem no brechó um meio de ganhar uma renda extra vendendo suas roupas; ou uma forma de economizar na hora de consumir, já que nesta fase muitas pessoas ficaram desempregadas. Inclusive, eu fiquei com muito receio das vendas diminuírem, porém as pessoas continuaram não só comprando, mas também me procuraram para vender roupas que estavam paradas. Eu vi diversos brechós abrindo aqui em Ribeirão Preto, tanto online quanto físicos, e como foi nesse período de pandemia e pós pandemia,



acredito muito que essa seja a maior influência.

De que forma esse crescimento colabora para uma moda mais consciente e sustentável?

O brechó tem como base a moda circular. Esse conceito é pautado no aumento do ciclo de vida útil de uma peça de roupa ou um acessório. Então, ao invés de as pessoas comprarem as roupas e descartarem quando não as utilizam mais, as pessoas estão buscando os brechós, e consequentemente aumentando o ciclo de vida da roupa e fazendo com que ela continue sendo útil para outras pessoas.

O meio digital ajuda nessa expansão? E no seu caso, especificamente?

Com o meio digital essa

expansão, em relação a busca por brechós, foi muito mais fácil e muito mais rápida. Eu acredito que quase 100% das lojas possuam pelo menos uma página em redes sociais. Para mim, o meio digital é muito importante, já que eu trabalho somente por meio das redes sociais, e principalmente pelo Instagram. O mais interessante nas redes sociais é o alcance, que faz com que as publicações sejam vistas por muito mais pessoas.

Havia preconceitos contra o comércio de roupas usadas. Você acredita que ainda exista ou esse preconceito diminuiu? Por que?

Existia, sim, muito preconceito. Acho que no passado, muito mais do que hoje, era comum escutar

falas sobre roupas de pessoas mortas e energias ruins. Infelizmente ainda existem pessoas que não se permitem conhecer e isso acontece por conta de uma ideia equivocada, como se fosse tudo bagunçado e sujo. Mas não é bem assim, no meu brechó, por exemplo, todas as peças passam por um processo de curadoria. As roupas são lavadas e até costuradas se for necessário, fazendo ela realmente parecer nova.

Quais são as vantagens de se consumir roupas já usadas?

A primeira vantagem é o aumento do ciclo de vida das peças, o que evita que essa roupa seja descartada na natureza. Muitas vezes, eu recebo roupas com etiqueta, então, se essa peça não tivesse chegado até ao brechó ela seria descartada sem uso. A segunda é a economia mesmo, peças novas, com certeza, saíram muito mais caras em uma loja, além de existirem muitos brechós que trabalham com peças de marca em um valor infinitamente menor, o que vale muito a pena. Eu gosto de comentar também que as roupas já usadas carregam histórias, então talvez ela não sirva mais para você, mas outras pessoas podem se sentir felizes, confiantes, com essa mesma peça que você está pensando em descartar.

Quais são as principais tendências, os estilos mais procurados no momento?

Eu não sou uma pessoa que segue muitas tendências e nem procuro trabalhar com isso dentro do Cycle, que é o meu brechó. Não tenho muito costume de seguir as principais novidades, gosto mais de ir pelo meu próprio estilo. Mas uma peça que o meu público procura muito são os croppedds. Se for uma blusa um pouco mais cumprida a procura é muito

menor, eu já percebi isso. É uma tendência que vem forte a um bom tempo e acredito que vai seguir assim, eu mesma uso muito, e sei que as pessoas que me acompanham e compram comigo também usam bastante.

O que te trouxe para esse mercado de brechós e quais são suas perspectivas para o futuro em relação a esse recente crescimento?

Eu criei o brechó como uma forma de desapegar de roupas minhas e da minha irmã, em 2018. Não conhecia muito sobre este universo, passei a conhecer melhor nessa época mesmo. Até o começo de 2019 eu segui com esse intuito de desapego mesmo, até que eu comecei a pegar peças em consignado de uma amiga, para ver se dava certo, a partir daí comecei a pegar peças com outras pessoas também e acabou dando muito certo. Desde então eu venho pesquisando e me encantando cada vez mais por este universo, eu vi que era um mundo gigantesco que a gente realmente não tem conhecimento. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto. **Coordenador do curso de Jornalismo** Profº Geraldo José Santiago **Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)** Profª Elivanete Zuppolini Barbi **Projeto Gráfico** Prof. João Flávio de Almeida **Pautas, entrevistas e redação** Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa **Apoio técnico** Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: LARISSA JARDIM

Luta negra contra a discriminação

Com racismo em foco, a artista ibitinguense Larissa Jardim luta contra o preconceito e ganha força no meio artístico

REPÓRTER:
ANA CLARA CASOTTI

Na era da informação ainda há preconceito racial e de gênero. E essa é uma realidade também sofrida no meio artístico, em que muitos lutam para mudar. Uma delas é Larissa Jardim, 23 anos, uma atriz ibitinguense (região central de São Paulo, a 370 Km da capital) que busca conquistar seu espaço profissional, tendo que superar, também, a dificuldade de residir em uma cidade interiorana, com 60 mil habitantes. Com esse enfrentamento, cada vez mais artistas negros ganham espaço para seguir seus sonhos e serem respeitados da mesma forma que atores de pele branca.



Nós vivemos em uma sociedade preconceituosa e isso influencia diretamente nas artes. Qual você diria que foi seu maior desafio até agora sendo uma atriz, negra e da comunidade LGBTQIA+?

Acho que meu maior desafio foi fazer com que as pessoas me respeitassem como tal. Quando comecei no teatro foi com uma diretora preconceituosa que sempre falava que meu lugar de representação era como uma pessoa pobre, periférica, que só iria representar esses papéis. Na minha pesquisa de graduação, falei sobre a mulher negra em cena, e como essas mulheres são retratadas de maneira pejorativa, fazendo papéis, na maioria, periféricos. Quando eu entreguei a parte final da pesquisa, a professora que corrigiu me devolveu dizendo que achava que faltavam homens brancos para validar o que eu disse. Então acho que a maior dificuldade é ser validada em absolutamente tudo que

eu faça, ou outras mulheres negras façam, independente do campo de atuação. Nós sempre temos que pensar e estar um passo à frente.

Viver no interior do estado, em uma cidade pequena como Ibitinga, torna mais difícil encontrar trabalhos na sua área de formação?

Sim e não. Atualmente, no Brasil, está sendo muito difícil trabalhar com as artes, independente do lugar. Tenho amigos que moram na capital e lá também está difícil. Aqui eu faço o meu corre, vou atrás das minhas coisas e sempre dou a cara a tapa em absolutamente tudo o que eu faço. Eu trabalho mais em Bauru do que em Ibitinga, faço alguns trabalhos sociais dando algumas aulas, mas realmente não tem nada. É em Bauru que eu consigo apresentar meus trabalhos solos, trabalhar na produção, fazer outras coisas dentro da arte.

Recentemente foi lançado o trailer do novo filme

em live action da Disney, “A Pequena Sereia”. A protagonista, Halle Bailey, sofreu ataques racistas nos comentários do vídeo por “não se parecer” com a Ariel do desenho da década de 1980. Em contrapartida, vídeos de garotinhas negras se identificando com ela estão circulando na internet. Você acha que essa identificação das crianças com uma protagonista negra será uma virada de chave?

Sim. Por mais que eu acredite que muitas empresas gostem de ganhar fama em cima de lutas sociais, como o racismo, eu acredito que, se quando criança eu tivesse tido grandes representações, não teria sofrido tanto. Quando eu tinha uns quatro ou cinco anos, nós íamos fazer uma representação de princesas na escola e falei para a professora que queria ser a princesa e ela falou que eu não me parecia com uma, mas que ela poderia me dar outro papel bem legal. Naquele dia, fui para casa desesperada, falei para minha mãe que queria me parecer mais com a minha avó, que é branca e de cabelo liso. Ela ficou revoltada, mas não tinha como justificar para mim que eu era, sim, uma princesa.

É muito comum vermos a estereotipização da sexualidade em personagens tanto no teatro como no cinema e na televisão. Com o aumento dos movimentos de conscientização que vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade é possível reverter essa situação?

Sim, mas é uma luta que ainda está muito no início. Nós ainda estamos num lugar de mostrar para as pessoas que o movimento existe. Então, sim, estamos

avançando nesse processo de mudança, mas a maioria da atuação ainda é para mostrar para as pessoas que nós podemos fazer um filme clássico de romance, sem precisar dizer que estamos lutando por um movimento.

O Teatro Experimental do Negro, fundado por Abdias do Nascimento e sua esposa, Maria do Nascimento, na década de 1970, não foi importante apenas para a introdução de pessoas negras nos palcos, mas também apresentava uma postura política. É possível ver os reflexos do TEN nos dias de hoje?

Indiscutivelmente, até porque o TEN tinha o papel de ensinar essas pessoas negras a estudar, a aprender a ler, a se inserir na sociedade como um todo. Eu acredito que o movimento foi muito importante para que hoje nós tenhamos espaço, tanto que nessa época muitas pessoas eram envolvidas, como advogados negros que representavam os atores. Foi a partir daí que essa luta se uniu, também em relação ao blackface e outras coisas horrorosas que aconteciam. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto. **Coordenador do curso de Jornalismo** Profº Geraldo José Santiago **Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)** Profª Elivanete Zuppolini Barbi **Projeto Gráfico** Prof. João Flávio de Almeida **Pautas, entrevistas e redação** Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa **Apoio técnico** Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: FERNANDO ARRUDA

Da cultura marginal ao mercado de trabalho

A tatuagem rompe preconceitos e cresce 23% em plena pandemia, em Ribeirão Preto

**REPÓRTER: ANA CLARA
PARPINELLI**

A tatuagem vem se popularizando nos últimos anos e de acordo com a Secretaria da Fazenda da cidade, de 2020 até setembro de 2022 houve um aumento de 23% no número de empresas ativas no setor. No Brasil, de acordo com o DataSebrae, em agosto de 2021 havia 22.568 estúdios de tatuagem e colocação de piercing. Fernando Arruda, 36 anos, é um desses profissionais empreendedores. Tatuador há 14 anos, ele já participou de competições presenciais e on-line onde são testados técnica e conhecimento, tendo sido premiado 17 vezes nas categorias oriental, colorido, fechamento e realismo preto e cinza, em eventos como o Ribeirão Tattto Festival, Batalha de Tattto e Tattto Show RS.



e ficava na minha cabeça para eu arriscar a profissão. Aí, no final das contas, me arrisquei e acabei gostando muito. O pensamento é para o resto da vida eu estar dentro da tatuagem.

A tatuagem vem quebrando muitos paradigmas nos últimos anos. Para você que já tatua há 14 anos, ainda há preconceito?

O preconceito existe ainda, infelizmente as pessoas ainda têm uma mente atrasada. Não é porque você tem tatuagem que você é bandido, que você é uma pessoa de má índole. As pessoas confundem muito isso. Eu já sofri preconceito por ser tatuador e por ter tatuagem. Teve uma situação que eu percebi uma pessoa citando: “olha um monte de tatuagem, parece sujeira”. Já vi pessoas olhando e saindo de perto só porque tenho tatuagem.

Antes desse boom da tatuagem, muitos viam essa atividade como um hobby. Com você foi assim ou você sempre olhou como um trabalho profissional?
Antes de realmente pegar

uma máquina na mão eu achava que seria um hobby; na verdade eu não tinha uma segurança de tratar isso como uma profissão. Então só caiu a ficha mesmo quando fiz a primeira tatuagem e vi que aquilo ali daria certo para mim, eu poderia aproveitar um certo dom que eu tinha e colocar isso como uma forma de ganhar dinheiro.

Quando você percebeu que a tatuagem estava se tornando a renda principal da sua família?

Quando eu entrei no mundo da tatuagem minha parte financeira era muito limitada. Eu tinha outro trabalho, a tatuagem era só um extra. Então, chegou um momento que eu decidi largar o trabalho e ficar só na tatuagem mesmo, mas foi um passo bem arriscado, não sabia que ela seria minha renda principal. Eu fiz isso, eu decidi tomar um passo radical para que ela se tornasse minha renda principal.

Tatuagem virou moda e ganha cada vez mais adeptos. Quantas tattoos, em média, você faz por mês?

Isso é relativo, tem os altos e baixos, né? Tem meses que é bom, tem meses que é ruim, então tudo a gente tem que ter um jogo de cintura. É você ver ali o momento certo de fazer promoção, de aumentar seu preço, isso às vezes afasta um cliente ou outro, mas você precisa colocar certas posturas.

Você acha que a porcentagem do seu faturamento aumentou nesses últimos anos? Você percebeu esse aumento ou para você se manteve?

A gente sabe que alguns meses são ruins e outros vão ser assim melhores, mas não sinto que cresceu tanto. É difícil falar em relação a isso. Em 2020 foi um ano que eu trabalhei bastante; 2021 já não trabalhei tanto; em 2022 começou a melhorar e creio que 2023 vai ser melhor. Em relação a cinco anos atrás, eu tinha um fluxo de clientes maior porque eu era de outra cidade e lá eu já tinha um reconhecimento maior, uma cartela de cliente bem maior, mas eu tenho aumentado o número de clientes na base da confiança.

Nesses últimos anos com a popularização da tatuagem e o surgimento de vários estúdios, como você conseguiu garantir o seu espaço?

Não basta você ter um estúdio bonito, não basta você ter uma propaganda se você realmente não tem o que apresentar. É a qualidade do trabalho, comprometimento e dedicação, acho que quando a gente se dedica bastante a gente conquista esse resultado. As pessoas acabam percebendo isso, acho que a credibilidade aumenta com a sua dedicação. Tem que postar coisas legais, você tem que estar atualizado em relação ao material,

o que mundialmente a tatuagem está expondo, as convenções ajudam muito nisso. Ter amizades, você ter um networking em outras cidades com um monte de tatuadores, isso ajuda muito a você estar sempre inovando e apresentando algo legal.

Você comentou das competições, que isso vem agregando na sua carreira. Em que essas competições te ajudaram?

Pessoalmente, me ajudou muito em relação à técnica que o mercado está disponibilizando, as marcas e o que os tatuadores estão inovando. Você estar ali participando de um evento, você vai estar próximo de profissionais tão bons quanto você e alguns mundialmente conhecidos que estão bem à frente. Chegar ali perto te dá experiência, é uma perspectiva maior do mundo que você está vivendo. No geral, todo tatuador vai em convenção para o seu benefício próprio de conhecimento e experiência, para ele evoluir. Eu acho que esse é o ponto crucial: você sair de lá bem melhor do que você entrou. ◆

MURAL ENTREVISTA

– Você considera a sua atividade como tatuador uma manifestação artística ou uma profissão?

FERNANDO ARRUDA – No meu ponto de vista, as duas coisas. Porque não tem como ser um tatuador sem ter uma referência artística, sem ter um pensamento artístico. Não dá para focar só na parte financeira, por isso, considero as duas coisas.

Como você se interessou pela tatuagem e como percebeu que tinha talento para essa atividade?

Nem sempre acontece de ser um bom tatuador porque você gosta de arte. Eu sabia que gostava de desenhar

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de Jornalismo

Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)

Profª Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa

Apoio técnico

Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: HALINE NOBRE CEZAR

Ribeirão parece um vulcão prestes a despertar

As mudanças climáticas estão aquecendo cada vez mais a cidade que se torna, também, mais seca

REPÓRTER: ANALICE CANDIOTO

O desequilíbrio ambiental tem influenciado diretamente o clima em Ribeirão Preto. Alguns problemas notados na cidade como a monocultura da cana-de-açúcar, aumento populacional, o número crescente de carros nas vias, consumo excessivo da população e o descarte incorreto de resíduos e de esgoto são motivos para que a temperatura aumente cada vez mais. Com isso, a engenheira ambiental e analista técnica do GAEMA (Grupo de Atuação Especial de Defesa do Meio Ambiente) do Ministério Público, Haline Nobre Cezar, traz informações sobre como esses problemas têm afetado a nossa cidade, e também, soluções para que com cada um fazendo a sua parte haja uma mudança dessas condições climáticas.



O predomínio da monocultura influencia no microclima de Ribeirão porque diminui a diversidade. É diferente de uma floresta onde há muita diversidade e por isso é um local mais úmido. A predominância de monocultura intensifica o aquecimento, pois, em certo período do ano é cortada essa vegetação e o solo acaba ficando exposto, fazendo com que o calor não seja absorvido pela terra e assim volte para a atmosfera.

O aumento populacional pode influenciar nas condições climáticas?
Minha primeira experiência pode sim. Com o aumento da população ocorrem fatores prejudiciais como a impermeabilização do solo por causa das construções e a utilização de veículos próprios e não do transporte público, o que faz com que aumente a emissão de gases poluentes, além, também, do

consumo excessivo. Quanto mais se consome, mais matéria-prima é retirada da natureza para produção e são esses hábitos e costumes que contribuem para o aumento da temperatura.

Como as mudanças climáticas afetam as cidades?
Em Ribeirão, que é mais quente, tem pouca vegetação e também por conta da poluição, há interferência direta na nossa saúde. Por exemplo, com o consumo de ar condicionado por conta do calor, a umidade do ar se torna mais baixa e assim acaba afetando as vias respiratórias. Já em relação à biodiversidade, tem espécies que não se adaptam na natureza por falta de vegetação, alimento e pela falta de água. Há até mesmo espécies de anfíbios que são extintas devido ao aumento da temperatura porque interferem muito

em seu habitat.

Como as mudanças climáticas podem afetar o Aquífero Guarani?
A longo prazo é alterado o regime de chuvas, com a diminuição das chuvas diminui a recarga do Aquífero, principalmente em Ribeirão onde tem a área de recarga. Essa recarga é demorada e não é realizada de um ano para o outro. Até que a água chegue no ponto para que seja retirada novamente demora muito. O que mais interfere hoje no Aquífero é o consumo nas cidades, pois com o aumento da temperatura ocorre um maior consumo e então vai se retirando cada vez mais água. Por exemplo, Ribeirão está a 18 km de Sertãozinho, a água que é recarregada na cidade demora cerca de 10 mil anos para chegar até Sertãozinho.

O que a população pode fazer para ajudar na contenção das mudanças climáticas?
A população pode ter um consumo consciente como exigir que haja um transporte coletivo de qualidade que possa ser utilizado, o uso de bicicletas, a plantação de mais árvores nas cidades, separação correta de lixo e resíduos. Além disso, os órgãos públicos também devem dar auxílio à população para que destine o lixo ao lugar adequado.

Como as políticas públicas podem contribuir para a melhoria do clima?
As políticas públicas irão dar suporte e incentivo à população, para cada um fazer sua parte, além de implantar a educação ambiental para todos.

Como fazer para denunciar crimes ambientais?
Há vários canais de

denúncias, dependendo do crime. A polícia ambiental é um dos principais meios de denúncia caso o crime seja desmatamento, com a fauna, descarte irregular de resíduos ou esgoto. A denúncia pode ser feita também em órgãos como a Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Cetesb e o Ministério Público.

Como o Ministério Público atua no combate à degradação ambiental?
O Ministério Público tem vários dispositivos jurídicos para atuar tanto na prevenção quanto na restauração de algum dano ambiental. Hoje tem um procedimento administrativo que é de acompanhamento das políticas públicas. São com esses caminhos e dispositivos que o MP trabalha para minimizar ou restaurar algum dano ambiental. Caso tenha uma denúncia, pode ser instaurado um desses procedimentos, além de haver metas como o plano de ação para prevenir qualquer dano que possa acontecer ao meio ambiente. ◆

MURAL ENTREVISTA – O clima quente e seco de Ribeirão Preto é influenciado por quais fatores? Topografia seria um deles?
HALINE NOBRE CEZAR – Eu sempre quis ser Sim, Ribeirão Preto está na topografia mais baixa da região e a localização da cidade também é um fator que interfere no clima.

Em que medida, o fato de Ribeirão Preto ter predomínio da monocultura da cana-de-açúcar – que até poucos anos atrás queimava canaviais durante toda a safra – pode ter acelerado ou intensificado o aquecimento na nossa cidade?

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: HAKAN (GUSTAVO SELANI)

"Os designers são como guaxinins"

Hakan define a profissão como um solucionador de problemas e fala sobre a importância do design

REPÓRTER:
BIANCA AFFONSO

O design gráfico é um profissional que atua na área de comunicação e marketing de empresas, instituições, partidos políticos ou órgãos governamentais. Nessa função, ele irá criar, produzir, definir e até mesmo desenvolver objetos e projetos para os meios impressos, digitais e audiovisuais. Sabe-se que essa profissão tem ganhado cada vez mais importância. Nesta entrevista, Gustavo Selani, conhecido por Hakan, fala sobre como é o mundo dessa profissão, as adaptações no pós pandemia, porque ela é importante em praticamente todas as ações de comunicação e eventos em todos os setores econômicos, sociais, culturais. Hakan, como prefere ser chamado, é aluno da quarta etapa do curso de Publicidade e Propaganda da Unaerp, trabalha como designer gráfico profissional desde 2020.



Sabemos que existem diversos tipos de design, onde, especificamente, o design gráfico de encaixa?

O design gráfico, assim como outros tipos de design, trabalha diretamente com a estética, a arte em si. Nós, designers, independente da área, somos todos artistas. Nós criamos interfaces, animações, fontes, artes para mídias sociais, revistas, jornais, outdoors, etc. Tudo que esteja relacionado a uma boa estética visual. Essa é a função dos designers no geral: deixar tudo visualmente agradável aos olhos.

Você já se interessou pela área do design gráfico antes de iniciar o curso de Publicidade e Propaganda?

A maioria das crianças e Eu gostava de editar, só não sabia ainda que poderia ser uma profissão. Foi nesse momento que comecei a receber orientações vindas do meu pai, que dizia que sempre fui criativo e os programas que eu sabia usar poderia me levar à publicidade. Verifiquei a grade curricular do curso de Publicidade e Propaganda e me apaixonei. Era isso que eu queria.

Quais são as dificuldades que existem no mundo "mágico" da profissão?

O mundo "mágico" da profissão é uma mistura de conhecimento das ferramentas, com referências visuais. O novo se cria inspirado no que já existe. Se eu vejo uma referência visual, a tiro como base para criar uma arte nova. As referências podem vir a partir de tudo, outros artistas, vivências, etc.

Você quer seguir profissionalmente neste mundo do design gráfico quando se formar ou pensa em outras áreas?

Eu tenho uma outra atuação forte na área de design, trabalho com eventos. Também sou freelancer, trabalho com várias marcas diferentes e faço desde criação de marcas e identidades visuais até edições de vídeo para diversas áreas. Mas, a área de eventos é a que mais me anima com a profissão. A cada evento eu vejo o número de seguidores crescendo, as vendas aumentando, outdoors espalhados pela cidade com artes que eu fiz e isso me

motiva a continuar.

Como surgiu sua página no Instagram?

É mais um perfil artístico. Eu a criei quando estava desmotivado, pensando que não sou bom para o design ou publicidade. Criei para desenvolver a minha arte, sem clientes, sem propósito exato que não fosse expressar o que eu sentia. As artes são como poesias. Até que comecei a fazer artes inspiradas em fobias. Sempre gostei da estética mais agressiva e sombria, tanto é que me dou bem com artes para eventos, que têm muitos elementos, bem agressivo de informações. Foi positivo para mim criar o que eu tinha vontade e ver o que o público gosta.

Você já teve algum projeto que te fez perceber que você está no caminho certo?

O Luau do DDP. Foi o primeiro evento que fiz e as primeiras artes animadas de fato. Foi algo que me deixou alegre e confiante com o segmento de eventos, mas mesmo feliz ainda estava insatisfeito. Recentemente recebi uma oportunidade de criar a identidade visual de um evento pequeno para um grande amigo meu. Ele me deu total liberdade criativa. Foi algo que me apaixonei muito e com as oportunidades que estão vindo eu gostaria de criar flyers para artistas. Recentemente recebi uma proposta para trabalhar para a Mitsubishi, o que me faz perceber como meu trabalho vem sendo reconhecido mesmo tendo apenas 21 anos. Eu lutei desde muito novo pelo que gosto e é gratificante ver tudo que estou alcançando.

Durante e após a pandemia, mudou muito a forma de fazer design gráfico? Como foi essa transição?

As transições dentro do

design sempre existiram e quem não se atualiza infelizmente fica para trás. Na pandemia, as coisas apenas mudaram um pouco mais rápido. Dentro do ambiente digital houve um crescimento enorme de vendas e vence quem chama mais atenção na estética, mas o que senti crescer muito foi a utilização de animações, que são algo que chama atenção.

Qual a importância dessa área no mundo atual?

Existe uma pesquisa recente que mostra como as cores impactam na vida das pessoas. Nessa pesquisa, foi perguntado para pessoas diagnosticadas com depressão e outros transtornos graves, quais cores elas associaram ao mundo delas e a maioria respondeu tons de preto, branco e cinza. O mundo vem perdendo as cores, o que deixa as pessoas "pra baixo". Acredito que o design tem um impacto forte na vida de todos os seres humanos, tudo é design, está em todo lugar e mesmo que inconsciente isso tem alguma interferência na vida das pessoas, sendo isso positivo ou negativo. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA – Em que momento da sua vida você percebeu que gostava desse mundo de edição, designer e tantos recursos de comunicação digital?

HAKAN – Quando eu tinha 14 anos, jogava muitos jogos online com os meus amigos da escola e me disseram que seria legal se eu fizesse um canal do YouTube, já que alguns deles tinham e gravavam vídeos. Aderi à ideia e comecei a gravar, mas não era tão simples. Tempo depois, comecei a gostar de edição, mas ainda não tinha noção de que poderia trabalhar com isso.

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: MIGUEL MATOS

Portal Migalhas: Como tudo surgiu

“Credibilidade é fruto de fazer uma coisa séria”, diz o fundador do site jurídico mais reconhecido do País

REPÓRTER:
BIANCA ALVARENGA

O Migalhas é o maior e mais importante meio de comunicação jurídico do Brasil, em atividade desde 2000. O portal abrange desde artigos e notícias especializadas a eventos e editora própria que publica livros em parceria com grandes nomes do Direito. Seu fundador, Miguel Matos, é empreendedor digital, jornalista, advogado e especialista em Gestão da Comunicação pela ECA/USP. Nesta entrevista, fala da origem do portal, seu propósito profissional e explica o que levou o site a este nível de reconhecimento.



diferente”. Depois de dois anos, acumulei mais de 10 mil seguidores com essa newsletter e decidi criar o site. Coloquei o nome Migalhas porque eram pequenas notas, curtinhas.

O senhor teve alguma inspiração para a fundação do site?

Não especificamente. Foi tudo fruto de leitura de jornalismo. Ser um leitor de jornal me ensinou a ver o que eu mais gostava nesse meio e o que faltava. Eu achava que deveria ser mais analítico, menos informativo, porque as informações já estavam chegando de outras maneiras; e era esse o trabalho que eu fazia, analisava as notícias.

Enfrentou resistências do meio jurídico na época da criação do portal?

Não, ao contrário. Não tive resistência nenhuma, nós mudamos conceitos. Acho que queriam um conteúdo como esse. Eu convidei as pessoas para serem patrocinadoras e imediatamente aceitaram. Elas estavam procurando um espaço jurídico na internet.

Como superou barreiras,

construiu a credibilidade do site e alcance nacional entre os advogados e magistrados? Como foi construída a fama?

A credibilidade é fruto de você fazer uma coisa séria, reconhecendo erros quando eles ocorrem, e não subestimando o leitor. O Migalhas tem um lado opinativo que não pode ser escamoteado. Outra coisa muito importante é respeitar o lado do leitor. Se ele critica e manda uma carta, por exemplo, essa carta deve ser publicada sem nenhuma nota da redação, ele tem direito de pensar completamente diferente.

A partir de qual momento o senhor percebeu que o site estava dando certo?

No primeiro dia. Foi muito rápido. O site foi construído em cima da newsletter, que já tinha um grande público. Os dois meios foram instantâneos e os feedbacks eram imediatos.

Quantos funcionários o Migalhas tem atualmente? Quantos tinha no início das atividades?

Atualmente conto com 31 funcionários na empresa, e no início do site era apenas

eu. Fui contratando um por um, de forma individual.

Sobre suas fontes, como conseguiu o contato e referências de pessoas tão influentes?

Os contatos foram pessoa a pessoa, individual, aos poucos, construindo em 22 anos de trabalho o respeito e prestígio no meio jurídico.

Como mantém essas fontes, especialmente em momentos tão conturbados, em que o Judiciário tem estado no centro das principais discussões e polêmicas nacionais?

O jornalismo está sofrendo mudanças. Antigamente, o profissional corria atrás da notícia. Hoje, na maioria das vezes, a informação vem até ele. A demanda é muito grande e acabamos virando editores do que entra ou não no site. Então, as fontes acabam ficando em contato permanente com você, porque elas mandam muito conteúdo. O juiz dá uma decisão e na mesma hora nos encaminha para ser divulgado, por exemplo.

O portal recebe críticas? Por quais meios? E como o senhor lida com elas?

O portal recebe críticas dia e noite. As críticas vem por email e são excelentes. Uma espécie de termômetro para verificar o andamento do site. Lidamos super bem com a crítica, eu chego a dizer que adoro receber críticas. Mas, o que vem das redes sociais é, na maioria das vezes, ignorado porque não são sérias.

O que o senhor acha essencial para manter a relevância e atualidade do site?

Sempre acompanhar as notícias e fazer o conteúdo o mais rápido possível. Relevância faz parte de um bom jornal. Além disso, ouvir o público dentro do que for possível, não ser guiado, mas se orientar através do que o leitor quer.

Sobre a inspiração que te levou a fundar o Migalhas, ela te orienta até hoje? Qual mensagem gosta de transmitir a partir dela?

O que me orienta até hoje é fazer uma leitura diferente dos fatos. O que buscamos fazer é influenciar com boas notícias do meio jurídico com veracidade e informação, além do toque humorístico estilo Migalhas. É necessário transmitir humor e cultura. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de Jornalismo

Profº Geraldo José Santiago

Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)

Profª Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida

Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de

Redação e Reportagem – 2ª etapa

Apoio técnico

Luciano Filho e Gabriel

Bordono (Lecograf- Laboratório

de Editoração Eletrônica e

Computação Gráfica dos cursos de

Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: TARSILA CURTU MIRANDA

Causas, efeitos e tratamento de TOC

Como o transtorno obsessivo-compulsivo pode influenciar na vida dos portadores e das pessoas ao seu redor

REPÓRTER:
CARLOS TACINARI

TOC, o Transtorno Obsessivo-Compulsivo, é um transtorno psiquiátrico de ansiedade que tem como principal característica a presença de crises recorrentes de obsessões e compulsões. Pesquisa realizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) mostra que aproximadamente de 1 a 2% da população mundial possui TOC. Existem dois tipos desse transtorno. O transtorno obsessivo-compulsivo subclínico, em que as obsessões e rituais se repetem com frequência, mas não atrapalham a vida da pessoa, e o transtorno obsessivo-compulsivo propriamente dito, em que as obsessões persistem até que a pessoa execute aquela ação que está "impulsionada" pela compulsão e, assim, encontra alívio para a ansiedade, como por exemplo lavar seguidamente as mãos. O tratamento pode ajudar, mas esse distúrbio não tem cura. Crônico, pode durar anos ou a vida inteira. Geralmente, o TOC é diagnosticado pela própria pessoa, por seus familiares ou por médicos psiquiatras. Por ser um problema psíquico não há exames laboratoriais ou de imagem que o detectem. Nesta entrevista, a psicanalista Tarsila Curtu Miranda, 45 anos, bacharel em Psicologia, com formação em Psicanálise e especialização em Psicanálise Clínica e Contemporaneidade fala sobre o transtorno e como tratá-lo.



MURAL ENTREVISTA - O que é TOC, sob o ponto de vista científico, e qual a principal causa desse transtorno? **TARSILA CURTÚ MIRANDA** - É um distúrbio psiquiátrico de ansiedade, muito comum hoje em dia. Podem ser causados por fatores biológicos como herança genética, que é um dos mais comuns, traumatismo craniano, Parkinson e até derrames.

Quais os principais sintomas? Depende de qual o tipo de TOC, mas em geral acumulação, repetição de palavras e gestos, hiperatividade, impulsividade e também isolamento social, que as pessoas não relacionam muito com o TOC.

Com que idade começam

a aparecer os primeiros indícios de TOC? É mais comum encontrarmos esse transtorno em jovens adultos perto dos seus 20 e poucos anos. Apesar de que pode se manifestar desde de criança.

Existem sintomas graves? Sim, é bem comum as pessoas terem TOC e adquirirem depressão e sofrerem de crises de ansiedade.

É mais comum em homens ou mulheres? É mais comum nos homens.

Por que? Há alguma explicação científica para isso? É uma pequena discrepância em relação às mulheres, e não se tem um motivo concreto para ser mais evidente nos homens.
Quais são os tratamentos?

A pessoa deve ter acompanhamento psicológico, como terapia cognitivo-comportamental, além dos remédios como inibidor seletivo de serotonina e se precisar, o antidepressivo.

Quais profissionais devem ser procurados para tratar pacientes desse transtorno? É mais indicado um psiquiatra, pois ele pode receitar os remédios.

Como a família, os amigos devem agir e de que maneira podem ajudar o portador de TOC? As pessoas ao redor devem compreender o transtorno do portador, pois apoiá-lo faz uma grande diferença no tratamento, porque a pessoa se sente mais acolhida.

Houve aumento do número

de pessoas com TOC durante a pandemia?

Não teve necessariamente um aumento, mas as pessoas que possuem esse transtorno sofrem mais, porque elas podem sofrer de muita ansiedade só de pensar que uma pessoa próxima e querida pode morrer.

Na sua avaliação, por que a pandemia desencadeou a manifestação desses transtornos?

Porque elas ficaram confinadas e isso aumenta a ansiedade, pois elas têm medo de alguém próximo perder a vida.

De acordo com sua experiência, vem ocorrendo - antes mesmo da pandemia - um aumento de casos de TOC e de outros distúrbios e transtornos psico-mentais? Não necessariamente houve um aumento de casos, e sim as pessoas começaram a procurar ajuda de especialistas, o que aumentou o número de diagnósticos. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp - Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de Jornalismo

Profº Geraldo José Santiago

Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)

Profª Elivanete Zuppolini Barbi

Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida

Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa
Apoio técnico

Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: MAYCON VICK DE OLIVEIRA

Setor de tecnologia na contramão da crise

Desafiando a recessão econômica vivida no país, o mercado tecnológico se mantém aquecido e em 2022 cresce 14,1%

REPÓRTER:
FILIPPE CAPELA

A pandemia e a instabilidade política geraram um cenário de recessão econômica. Segundo dados do Ministério da Economia, de fevereiro a agosto de 2022, o superávit nacional teve uma queda de 10,4%. No sentido oposto, o setor de tecnologia vem crescendo ano a ano. Segundo pesquisa do BID e LinkedIn, o mercado de tecnologia cresceu 60% na pandemia e as projeções são que mais 800 mil vagas sejam abertas até o fim de 2025. O head de desenvolvimento e de tecnologia da Etus Digital, Maycon Vick de Oliveira, 37 anos, com mais de 20 anos de experiência profissional, fala sobre esse mercado em crescimento.



Você disse que programa há 20 anos. Como e por que você começou?

Eu jogava videogame, a minha ideia era programar para games, mas na época tudo era muito caro e a internet era lenta, então não dava pra fazer cursos online. Então eu comecei a programar sites, aprendi a fazer um site para o clã do jogo que eu curti, aprendi a fazer sites, aí acabei entrando na faculdade de desenvolvimento.

Esse setor começou a ter grande atenção nos últimos anos, com as startups e as big techs. Levando em conta os seus anos de experiência na área, o quanto ela mudou?

A tecnologia muda conforme os nossos hábitos digitais mudam. Quando a internet era discada, ninguém acessava muito, era lento. Hoje as empresas necessitam de maior velocidade, você quer algo melhor também. Então quanto mais nós usamos a internet, mais rápidas e refinadas as tecnologias têm que ser para acompanhar nosso consumo.

As exigências que um profissional do setor tem que cumprir mudaram muito de quando você começou para hoje?

Lá atrás, existiam muitas linguagens de programação, mas eram usadas duas ou três em larga escala. Na época não existia celular, hoje existem linguagens específicas só para o mobile. Até mesmo sites para navegadores, você tem que pensar que ele vai ser acessado através de um celular, ou seja, você precisa se adaptar e adaptar como você estrutura o projeto.

O setor de tecnologia está na contramão do restante do mercado de trabalho. Enquanto o país vive uma crise, a área nunca contratou tanta gente. Você tem alguma hipótese sobre esse crescimento exponencial?

Um dos principais motivadores desse crescimento nos últimos tempos foi a pandemia. Quando todo mundo foi para casa, isso exigiu muito mais dos servidores, aplicativos e etc. E agora que muitas empresas se tornaram

home office total ou híbrido, a tendência é que as demandas pelas tecnologias só aumentem, o que exige mais profissionais.

Para trabalhar na área é necessário uma graduação?

É difícil ver uma empresa que exige graduação, o que ela pede do profissional é experiência naquilo. Porém, se a sua ideia for chegar a um cargo de gerência ou liderança, só experiência na área não vai ser o suficiente, aí sim você vai precisar ter uma graduação no currículo.

Algumas décadas atrás, as profissões mais desejadas eram na área de direito, medicina e engenharia. Devido ao crescimento da área de tecnologia e, consequentemente, bons salários, dá para falar que a tecnologia entrou, ou vai entrar, nesse seleto grupo?

Eu acho que dá pra falar que sim, ainda mais que essas profissões que você citou demoram muito para se formar, um médico, por exemplo, leva no mínimo seis anos, fora a especialização. Tecnologia permite que profissionais se capacitem

em muito menos tempo. As Fatec, por exemplo, oferecem cursos de dois anos de duração, não dá pra ser um médico ou advogado em dois anos.

Quais carreiras você enxerga como as mais interessantes para seguir na área?

Depende, vai muito do que você gosta. Se você gosta de números, big data é uma ótima opção. Curte design e essa veio mais artística? Front-end e Ux podem ser o que você quer. Por conta da tecnologia mudar muito e constantemente, eu recomendo você entender e ir atrás do que você gosta.

Você acredita que a melhora da qualidade de vida das pessoas de agora em diante vai passar pela tecnologia?

Eu acredito que sim, a gente já está vendo a atualização e uma maior utilização da tecnologia em outras áreas que a gente não via antes. A medicina, por exemplo, implantou as teleconsultas; hoje já existem cirurgias feitas com a ajuda ou totalmente por robôs. ◆

MURAL ENTREVISTA – O que é a Etus?

MAYCON VICK – A Etus é um sistema, uma plataforma web voltada para o gerenciamento de redes. Dentro dela você consegue cadastrar as suas redes, como Facebook, Instagram, Twitter e outras, gerar relatórios e agendar postagens. Tudo que você teria que fazer de forma manual, a Etus automatiza.

Por que você optou pela área de tecnologia?

Eu me formei há 12 anos, mas trabalho com isso há 20 anos na verdade. Por mais que lá em 1999, ter um computador em casa fosse muito caro, era algo que todo mundo queria, o Windows já tinha tomado conta do mercado também, então foi por isso que eu decidi ir para esse mercado.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: EDUARDO SOARES

Metaverso: imersão no mundo virtual

Os avanços da tecnologia digital estão acelerados e já são capazes de criar um universo paralelo

REPÓRTER:
GABRIELA ANTONIETI

Eduardo Soares é publicitário, jornalista e Mestre em Desenvolvimento Regional, com ênfase em Mídias Digitais. É coordenador e professor dos cursos de Pós-graduação em Marketing Digital e E-commerce, Branded Content e Gestão de Negócios no SENAC. Também é professor no curso de Publicidade e Propaganda, no Uni FACEF, em Franca. O mesmo é especialista em Comunicação Organizacional e Eventos, e em Docência na Educação Superior pela UNAERP. É consultor e desenvolve projetos e pesquisas na área de transmídia e redes sociais, obtendo um grande conhecimento acerca do metaverso. Metaverso é um termo que está chegando para trazer inovação e representa uma nova etapa da tecnologia imersiva, incorporando o universo virtual no dia a dia das pessoas. Esse avanço traz um mundo de possibilidades para a vida, transformando a maneira como as pessoas se comunicam, interagem, trabalham e se divertem. Com a imersão no mundo digital, a expectativa é tornar o usuário parte integrante desse novo universo.



universo da Internet, onde o Mark Zuckerberg fala sobre o metaverso como uma internet materializada, como se fosse uma segunda pele do mundo físico, potencializando a realidade virtual e a realidade aumentada.

Quem poderá ter acesso?

A ideia do metaverso é ser democrático. Ele surge com essa premissa de que todos tenham acesso, assim como a internet quando ela nasce, mas até hoje não são todos que têm acesso, contudo a gente já vê um avanço nesse aspecto. O metaverso vai ser isso, de início vai ser de acesso para poucos, o óculos é caríssimo e para poucos, a ideia é que eles vão se barateando, com empresas entrando com investimento e barateando os custos

Quais serão os impactos do metaverso? Há riscos para a sociedade? E para os indivíduos?

Acho que o maior problema vai ser o da inclusão. Isso é discutido até hoje no mundo físico, e no mundo digital irá, infelizmente, estender esse problema relacionado aos acessos à tecnologia e à internet

Distúrbios como ansiedade, depressão, entre outros, tornaram-se mais frequentes durante a pandemia devido ao reduzido contato pessoal. Na sua avaliação, o metaverso pode levar esses problemas também?

Os jogos já vêm causando isso, portanto é importante a questão da educação, projetos que nos ensinem a lidar com esse novo mundo. As redes sociais já te prendem ali e você fica refém dos algoritmos, mas na verdade a gente não está usando essa ferramenta a nosso favor. A sociedade está doente, carente, socialmente maltratada. Metaverso é que nem as outras coisas, tem seus lados bons e ruins, basta analisar como vamos lidar com esses lados.

Quais são as garantias, que já existem e que ainda precisam ser criadas, de proteção dos usuários contra bullying, assédio e exploração?

Isso é um grande problema que vamos ter que resolver conforme o metaverso for se instalando, então ainda não existem essas medidas, mas será necessário que se crie. Porém, vamos ter que

trocar o pneu com o carro andando, ou seja com o metaverso funcionando.

Os usuários serão autenticados? Como?

Metaverso é algo para ser único e você vai poder ser quem você quiser, vai ser muito representativo. Existem estudos e pesquisas mostrando que os avatares reais estão sendo mais desenvolvidos, mas isso será uma escolha e isso é o metaverso: são escolhas, não vamos ser obrigados a estar lá sendo nós mesmos.

Qual é o papel dos VR e AR no metaverso? Somente quem tiver os óculos vai poder ter acesso ao metaverso?

Eles são um meio de você ter uma imersão maior. O óculos VR te desconecta do mundo real te colocando praticamente em outro universo, porém é possível se ter a experiência do metaverso sem os óculos, com a internet. Ali você faz o seu papel como protagonista dentro de outro universo, como nos jogos.

Com as diversas formas de utilizar o metaverso, até em empresas, o mercado de**trabalho vai ser reduzido? Poderá haver desemprego?**

Nós tivemos essa discussão a um tempo atrás quando veio uma máquina para substituir os cortadores de cana. Obtivemos uma melhora na qualidade de trabalho das pessoas, então precisamos capacitar as pessoas em outras coisas, pois a máquina vai tomar o emprego de muitas pessoas, e o metaverso é exatamente essa ideia. Ao mesmo tempo que ele vai suprimir algumas profissões, também vão se criar outras. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA – O que é o metaverso?**EDUARDO SOARES –**

Metaverso é um espaço para a pessoa se tornar o que ela quer ser, e o conceito desse termo vem sendo expandido. O “meta” vem de dados, algoritmos, internet, e o “verso” vem de universo, então seria um

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: DANIEL ROBERTO DA SILVA

UMA TRANSFORMAÇÃO QUE COMEÇA NA MENTE

Conheça a história de Daniel, que passou por vários obstáculos, para hoje ser ele mesmo

REPÓRTER:
GABRIELA COLTRO

Daniel Roberto da Silva, 33 anos, auxiliar de logística, passou pelo processo de redesignação de sexo, mudando do feminino para o masculino. Foi um longo processo que ele descreve nesta entrevista, desde quais são as etapas, a burocracia, o custo, as dificuldades que enfrentou tanto no serviço público de saúde quanto no particular. O relato de Daniel começa na primeira consulta, inclui o uso de hormônios, acompanhamento de psicólogos, chegando à mudança de nome e documentos. Essa história inicia-se em 2016 e Daniel decidiu contá-la, pois tem muitas informações que podem ajudar os que estão na mesma situação em que ele se encontrava há seis anos, no começo de sua transição.



Lembro que aos sete anos já me sentia diferente, não me sentia como eu me via ao espelho ou fotos, ou como as pessoas me viam. A sensação de estar no corpo errado pela forma como eu me via, eu era um menino preso em um corpo que não era o meu.

Com que idade começou a transição?

O processo teve início quando eu tinha 27 anos. Foi quando fui ao clínico geral pelo SUS para iniciar o tratamento, falei o que eu queria, expliquei toda a minha condição. Porém, a burocracia para ser acompanhado com um psicólogo demorou dois anos. Ao passar pelo psicólogo foi recomendado ir até ao endocrinologista, pois tinha certeza do que eu sentia e queria ser, e assim poderia dar início à fase da hormonal.

O processo junto ao SUS sofre muitos obstáculos, por isso parti para consultas particulares. Então comecei o tratamento hormonal com 31 anos, foi quando tomei minha primeira injeção do hormônio, no meu caso o Deposteron.

Quanto tempo levou a sua transição?

A transição não tem um tempo pré-determinado para durar. É um processo que se eu parar com o que é feito vou regredir ao que era antes. Posso falar que estou no sexto ano da minha transição.

A transição foi feita pelo SUS ou particular?

Dei início no SUS, porém devido aos obstáculos, filas de espera que duram anos, optei em dar continuidade do processo em clínica particular.

O convênio médico cobre as despesas?

O convênio cobre as despesas médicas, como consultas e exames. Os remédios são pagos à parte.

Então, no Brasil há atendimento público para o processo de transição?

Sim. O Sistema Único de Saúde fornece todo o processo, porém são muitos obstáculos, tanto pela fila de espera, quanto na questão de preconceito dos próprios médicos que se negam a fazer esse processo. O SUS também fornece o medicamento, mas está sempre em falta, por isso sempre é necessário comprar por conta própria.

Há algum apoio psicológico ao transgênero?

Sim. O processo sempre tem início nas sessões com psicólogos, principalmente na infância para começar a entender o que eu estava sentindo e o que eu queria. Tento manter sempre visitas regulares com a psicóloga.

E a questão burocrática? Como funciona?

A burocracia tem início no SUS, o que dificulta a transição daquelas pessoas que não têm a opção de fazer particular. Em relação à correção de documentos, hoje em dia é mais facilitado, com alguns imprevistos como na rede bancária, mas no geral é fácil, partindo primeiro na correção da certidão de nascimento.

Você já mudou o seu nome? Como foi o processo?

Sim. Fiz a correção da minha certidão de nascimento em 2021 junto ao cartório. O processo dura em média um mês, desde a entrega dos documentos solicitados

até pegar a nova certidão. Após a mudança da certidão, então deve-se dar início à mudança de todos os documentos e o que mais estiver no antigo nome.

Como está sua vida hoje, após a sua transição?

A minha vida após a transição pode ser explicada com uma única palavra: libertação. A liberdade de ser quem eu realmente sou me dá a segurança de enfrentar qualquer coisa. Ao olhar no espelho e não sentir mais como em uma prisão é libertador. Me sinto livre e feliz.

Sua mudança foi bem aceita pela família, no seu trabalho, pelos amigos?

Eu tive a sorte de ter sempre o apoio da minha família, por mais que não deixasse de ser um choque. Sempre houve respeito e aceitação, apoio em todas as minhas decisões. No trabalho e entre amigos teve aqueles que se afastaram, mas que hoje vejo que não fazem falta, pois quem realmente importa permaneceu e respeita quem eu sou, sem julgamentos. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto. **Coordenador do curso de Jornalismo** Profº Geraldo José Santiago **Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)** Profª Elivanete Zuppolini Barbi **Projeto Gráfico** Prof. João Flávio de Almeida **Pautas, entrevistas e redação** Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa **Apoio técnico** Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: BRUNA GRIGOLLI PÉRSICO

Redes sociais impactam na autoimagem

Modelos idealizados nas mídias influenciam o desenvolvimento de distúrbios alimentares nos jovens

REPÓRTER:
GIOVANNA RAVANELLI

O impacto das mídias digitais no comportamento dos jovens, levando a distúrbios psicopatológicos, mais especificamente, aos distúrbios alimentares, é abordado pela professora Bruna Grigolli, do curso de Psicologia da Universidade de Ribeirão Preto, doutora em saúde pública e desenvolvimento humano. A professora explica que a autoestima, associada ao consumo de conteúdos idealistas divulgados na internet, pode afetar as relações e a autoimagem no período da adolescência. Além disso, reforça a necessidade de cuidados da família e sobre como e onde procurar ajuda profissional em caso de desenvolvimento dos transtornos.



Como vê a influência da mídia digital no comportamento dos jovens?

O jovem tem uma questão identificatória muito forte nas mídias digitais. Ele vê o modelo numa característica estética extremamente midiática, muito oposta à vida na nossa realidade. É aí que o adolescente acha que pode ser igual, que pode viver nesse contexto, mesmo que não seja a realidade da maioria dos brasileiros. Tudo isso por conta desse ideal identificatório que é mais frequente na adolescência, já que é o período em que se vive na busca de ídolos. Não precisa ser só na questão alimentar, às vezes em relação a um aspecto físico também. Conforme o amadurecimento, a tendência dessas aspirações identificatórias é diminuir.

Os distúrbios alimentares podem acontecer em qualquer idade?

Os dados indicam que os adolescentes são mais suscetíveis, principalmente porque há uma necessidade de aprovação e aceitação pelos pais e amigos. O jovem também quer ficar bem com o próprio corpo, ser desejado sexualmente, já que é o momento de início das atividades sexuais. O

transtorno alimentar não se desenvolve rapidamente, ele é progressivo e possui uma relação direta com essa necessidade de aprovação.

Sobre o Twitter, existem comunidades de apoio entre pessoas com anorexia e bulimia, nas quais elas se incentivam e cooperam entre si, com compartilhamento de dietas e estímulos emocionais. Isso pode piorar o quadro?

Pode, porque aí está a questão da identificação: ao mesmo tempo que ela pode ajudar no ideal identificatório, ao encontrar pessoas iguais a mim, com os mesmos comportamentos, eu crio uma comunidade, um senso comum, porque identificação é semelhança. Isso te dá um senso de familiaridade e acaba sendo extremamente disruptivo e prejudicial. A gente já viu situações assim que levam as pessoas até a comportamentos suicidas.

Se uma pessoa está inserida em uma comunidade em que tem incentivo de outras pessoas iguais a ela, o que fazer para sair desse ciclo?

É difícil. Ela vai precisar do apoio da família para perceber um ambiente distorcido e sair dele, de

profissionais qualificados para ajudá-la e, alguns casos precisa de acompanhante terapêutico, e internação, se necessário. O profissional médico vai avaliar qual seria o melhor tratamento para essa pessoa. Muitas vezes, a família precisa ficar atenta para ver os sinais, como se está emagrecendo muito ou apresentando episódios de muita compulsão.

A autoimagem, que é desenvolvida ao longo dos anos, pode afetar as relações interpessoais desse jovem?

Sim, pode! Porque a autoimagem tem uma relação direta com a autoestima e uma baixa autoestima leva a questões como “ninguém gosta de mim”, “ninguém quer ser meu amigo”, e isso afeta os relacionamentos interpessoais. Aí está a importância do “ser aceito” na adolescência, que adentra o processo de emagrecimento. Ser alguém que a turma acolhe e o garoto ou garota idealizada daquele grupo.

De que maneira a saúde pública lida com os distúrbios alimentares?

De uma forma ainda muito incipiente. Dentro da saúde pública, há os CAPS (Centros de Atenção Psicossocial), que fazem atendimento psiquiátrico e psicoterapêutico e de Hospital Dia. Então, quando a pessoa precisa de ajuda é nesses lugares que ela deve procurar, como em casos de surto psicótico, onde ela vai ser acolhida e medicada.

Como psicóloga, a senhora acredita que faltam políticas voltadas ao tema?

Não faltam políticas, elas existem, mas falta que sejam aplicadas de maneira ampla. Temos um serviço que não dá conta da demanda e

esse é o maior dilema, hoje. Então há uma boa política, só precisa de mais recursos.

Ainda é um tabu conversar sobre os distúrbios alimentares. Existe algo que possa ser feito para conscientizar as pessoas acerca do assunto?

Acredito que fazer uma educação dentro das escolas. Educar para a saúde é falar para os estudantes sobre essas coisas. A escola é o primeiro lugar de abertura, uma porta de entrada com uma palestra ou uma orientação.

As pessoas acreditam que discutir sobre distúrbios alimentares pode incentivar o desenvolvimento de tais hábitos. Isso é verídico?

Não. Quando as pessoas têm mais informação, também têm mais condições de escolher o melhor para a sua vida. Quando são mais informadas sobre o que é um transtorno alimentar, elas conseguem identificar se estão vivendo essa situação e procuram ajuda. Palestras, folhetos informativos e orientação para as pessoas são o caminho da informação que leva à compreensão. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

Coordenador do curso de Jornalismo

Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)

Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico

Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico

Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: TIETA EDER OLIVEIRA DE MELO

PÁGINA 1 DE 2

De invisível a vereadora reeleita mais votada

Em São Joaquim da Barra, uma mulher trans desafia a política e se torna uma pioneira

REPÓRTER:

GUILHERME CARVALHO

Tieta Éder Oliveira de Melo, 49 anos, mulher trans, vereadora do MDB reeleita na cidade de São Joaquim da Barra/SP com a maior quantidade de votos na eleição municipal de 2020, fala sobre os desafios que precisou enfrentar para ocupar um cargo público. Na entrevista, ela também fala de vivências pessoais, preconceitos nos âmbitos profissional e familiar, lutas sociais, a última eleição e suas expectativas para o futuro político nacional e municipal.

MURAL ENTREVISTA
– Neste ano, na eleição nacional, o Tribunal Superior Eleitoral registrou mais de 280 candidaturas de pessoas LGBTQIA+. Analisando o contexto político atual e toda a história social de nosso país, o que isso representa para a senhora?

TIETA MELO – É uma grande vitória. Em 2012 eu era a única candidata LGBT, assumida, de São Joaquim da Barra. Em 2016 já éramos oito e em 2020 já éramos mais de 20 pessoas. Eu me tornei referência para que as pessoas tomassem coragem, para que elas pudessem sair do espaço da marginalização. Isso é muito bom, que venham mais candidatos. Agora temos até um governador que é gay [Eduardo Leite / RS]. Isso prova que uma grande parcela da sociedade quer a inclusão social, não mais a exclusão.

Para a senhora, qual a importância de eleger candidatos LGBT?



Nós ocupamos hoje um lugar e uma posição que outras pessoas não gostariam que a gente ocupasse, principalmente nós, travestis, transexuais e os gays afeminados. Para a sociedade heterossexual, essa é uma posição que nunca quiseram. Temos mais de 120 anos da emancipação de São Joaquim da Barra e eu sou a primeira candidata LGBT que conseguiu se eleger e talvez venha a ser a primeira mulher trans eleita presidente da Câmara Municipal em nível nacional. Mas a luta é diária. Então,

a gente tem que ocupar os espaços cada vez mais porque o poder é passageiro, o meu cargo é passageiro, o meu cargo não é meu, é do povo. E que eu possa influenciar outras gerações para que lutem pelos seus direitos. As pessoas acham que surgimos do nada, que chegamos aqui sem nenhum esforço. Enquanto eu fazia parte apenas da invisibilidade da cidade, eu era apenas um número nas estatísticas, mas a partir do momento que eu comecei a ter um corpo, uma voz, eu comecei a incomodar muita

gente, mas ainda há muito preconceito e temos que lutar contra isso todos os dias. De que forma? É o que eu falo, estudem, trabalhem e ocupem os lugares mais altos da vida de vocês, só assim conseguiremos mudar essa realidade.

Tendo em vista a notável polarização política que se desdobrou neste ano, qual foi a maior dificuldade que um candidato LGBT teve para convencer os eleitores de que suas propostas eram realmente positivas?

A grande dificuldade de qualquer candidato LGBT é

sair daquele conceito de que nós vamos brigar por gênero, pela tal ideologia de gênero. É passar para a população as nossas propostas. Eu não tive voto só da população LGBT, eu tive votos de uma grande parcela da população. Então, nossas propostas não são só pelas causas LGBT, mas também pelos que mais sofrem, a população preta, periférica, as crianças.

Muito se fala sobre uma suposta influência da comunidade LGBT sobre as crianças. Qual a sua opinião a respeito do debate sobre gênero e sexualidade nas instituições de ensino?

Eu acho que a sociedade ainda está muito longe de entender o que é gênero e sexo. Meu gênero é travesti, quando eu sou abordada por esse assunto, eu costumo dizer que eu moro na mesma casa há 24 anos e ali já cresceram várias crianças, muitos meninos, e nenhum deles se influenciou por conta da minha presença. E olha que eu saio de vestido, de drag, eu uso saia, decotes, tenho seios e ninguém virou gay por conta da minha influência. Eu tenho um irmão e uma irmã, ambos são heterossexuais, então o meu gênero e a minha orientação não influenciaram os meus irmãos. Eu faço palestras e muitas vezes eu me deparo com situações em que esses adolescentes já foram molestados sexualmente lá na infância. Qual seria a idade certa para conversar com essas crianças? Sabemos que o maior índice de abuso sexual infantil está no meio familiar, precisamos conversar sobre sexo e

CONTINUA
NA PRÓXIMA
PÁGINA

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: TIETA EDER OLIVEIRA DE MELO

PÁGINA 2 DE 2

gênero com essas crianças. Mas somos impedidos, principalmente porque levam para o lado religioso do negócio, e aí eu sou bem crítica neste sentido, porque temos vários escândalos de padres pedófilos. Então, até quando temos que esconder a verdade?

Mesmo tendo recebido uma quantidade de votos expressivos, de ter conseguido se reeleger e de ter a aprovação da população, a senhora não fica isenta da LGBTfobia. Como lida com essas adversidades?

Eu fui a vereadora mais votada da cidade, só isso já me dá uma visibilidade muito grande, mas eu ainda escuto muitas coisas. Muitas pessoas não aceitam o fato de eu ser vereadora e de a população LGBT ocupar esses cargos. Ser a mais votada não significa que eu fui aceita, significa que os 1.952 votos são dessas pessoas que se sentiram representadas, em algum momento eu fui a voz que elas queriam. Mas, nós temos mais de 35 mil eleitores, então se a gente for pegar os números, mais de 30 mil pessoas não se sentiram representadas por mim, é uma luta diária, de você firmar e mostrar que é capaz. A cobrança é dobrada justamente porque muitos não aceitam o lugar que eu ocupo. Muitos duvidavam da minha reeleição, os próprios colegas. Os termos “a vereadora” e não “o vereador”, “a Tieta” e não “o Tieta”, muitos negam me chamar pelo meu nome social mesmo agora estando registrado; afirmam que não conseguem, falam que não conseguem deixar de me chamar de Éder e olha que a Tieta já entrou na minha há muito tempo. Hoje eu não sofro violências físicas como no passado, mas eu sofro violência psicológica que é pior, porque essas violências abrem feridas muito grandes em mim e em todas as



pessoas que já tiveram algum trauma de infância.

Segurança e qualidade de vida não são asseguradas para grande parte dos membros da comunidade LGBT do nosso país, especialmente para aqueles que ainda fazem parte de outros grupos minoritários e marginalizados, como moradores de áreas periféricas e a população preta. Como você enxerga essa problemática? Qual seria os principais causadores desse problema social?

Nós temos que mudar a base de tudo. E o que é a base da nossa sociedade? São as nossas crianças! Se a gente não conseguir construir uma consciência

social nas crianças que estão vindo, a gente nunca vai conseguir sanar esse problema das desigualdades. E nem falo de desigualdade financeira, porque essa sempre vai existir, a gente pode até amenizar a desigualdade financeira, mas as desigualdades sociais, isso a gente pode melhorar, através do diálogo, aceitação, estudo. Então, precisamos construir novos jovens, que pensam diferente, romper com comportamentos agressivos, de ódio e preconceito. Precisamos mudar a educação primária, para melhorar as condições de vida das minorias sociais ou até mesmo das mulheres, que até hoje sofrem com desigualdades de direitos e oportunidades. A minha

opinião é sempre falar sobre essas temáticas e mexer no ensino básico, na tentativa de construir novas gerações.

Você ainda tem esperança de que essa onda de ódio vai passar?

Eu acredito nas pessoas, melhorou muito ao mesmo tempo que retrocedeu nos últimos anos. Eu tenho esperança de que um dia nós possamos ser seres humanos e não ser mais taxados pelo sexo, pelo gênero, raça ou idade. Nós somos únicos, não existe outro de nós e espero que as pessoas comecem a sentir a dor do outro, não julgar a dor do outro se você nunca passou, a gente tem dois ouvidos e uma boca, justamente para ouvir mais e falar menos.

Qual o seu desejo para o futuro político brasileiro, especialmente aqui para São Joaquim da Barra?

São Joaquim da Barra está à margem de uma rodovia muito importante, mas ainda precisa de muito investimento, captação de recursos e principalmente, geração de empregos. Eu acho que quando as pessoas possuem emprego, elas têm dignidade, não dependem de programas sociais, São Joaquim é uma cidade muito promissora, mas precisa de políticos que queiram sair da suas zonas de conforto. A gente precisa mudar esses conceitos, precisamos de políticos que queiram fazer pela cidade, não só pelo status, os cargos passam, mas o que você deixa para o futuro e novas gerações é muito importante. Precisamos continuar batalhando pela inclusão e quem sabe no futuro disputar uma cadeira de prefeita aqui da cidade, estamos analisando o momento certo, mas neste momento, nossa cidade precisa de geração de emprego, precisamos tirar os jovens das ruas. Nossa cidade precisa de moradia, trabalho e precisa intensificar as

políticas públicas e nossas ações sociais, prestar apoio para a população LGBT no mercado de trabalho, inclusão de membros da comunidade nas escolas e universidades. Oportunidade de mudar nós temos, mas as pessoas preferem continuar na mesmice e essa mesmice que me incomoda, precisamos romper com o coronelismo na política, precisamos de pessoas novas na política. Está na hora de transferir esse compromisso para os jovens.

Nos últimos anos, vimos o movimento conservador se fortalecer no nosso país, se tratando especialmente do momento político e da forma com que esse movimento se manifesta dentro do cenário político atual, qual a sua opinião acerca deste movimento?

Então, porque houve, na minha opinião, tudo isso que está acontecendo hoje. Elegeu-se um presidente que falou e que fala aquilo que a grande maioria da população tem vontade de falar, mas precisava de um líder, para vir com esse discurso de ódio, esse discurso sempre existiu, só que as pessoas tinham medo por conta das leis, só que agora veio uma pessoa que instiga as pessoas a falarem aquilo que estavam preso dentro delas. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: APARECIDA DE LOURDES DE LIMA

Dona Cida gosta de fazer crochê e não sai de casa sem passar seu batom

Residente do Lar Padre Euclides conta sobre sua infância feliz no Paraná, seus filhos e sua irmã que a visita sempre

REPÓRTER:
HELENA FISHER

No Lar Padre Euclides, uma residência geriátrica em Ribeirão Preto, mora uma senhora de 75 anos chamada Aparecida de Lourdes de Lima. Nascida dia 30 de março de 1947, Aparecida, ou Cida, passou por várias mudanças ao longo da sua vida, de Franca para Maringá, e de Maringá para Ribeirão. Com essas transições, Cida adquiriu habilidades para atuar como costureira e manicure. Atualmente ela prefere trabalhar com crochê ao invés de costura, criando seus próprios padrões para fazer suas peças. Sua irmã visita Cida com frequência, e às vezes leva ela para passear pela cidade. Porém, o que ela realmente gosta é ficar no lar conversando com suas amigas e frequentando as festas no Padre Euclides com música ao vivo.



Eu estudei até o primeiro ano. Aí fechou a escola que nós estudávamos, era na cabeceira do sítio. Aí a turma foi toda pra cidade e meu pai e minha mãe não me deixaram ir.

Foi muito difícil essa transição? O que a senhora fez depois da escola?

Eu só trabalhava no sítio. A gente colhia café, fazia manutenção, tudo era colhido na mão.

A senhora tinha irmãos, irmãos? Como era seu relacionamento com eles?

Eu tinha quatro irmãos, nós éramos cinco. A gente se dividia bem, graças a Deus. De lá em Maringá, Paraná, a gente mudou para cá, para Ribeirão. Mas eu já tinha casado. Casei no sábado e no domingo minha mãe veio

Foi bom, graças a Deus. Criei depois – a menina estava com catorze anos, meu marido arrumou outra e foi embora com ela. E eu fiquei sozinha, acabei de criar meus filhos muito bem. Nenhum dos dois deu trabalho.

Seus filhos e netos te visitam? A senhora os vê com frequência?

Vejo, mas os dois trabalham, então não tem como eles virem toda semana. Meu filho trabalha, minha filha também trabalha; Vai cedo e volta à noite. Quem vem muito aqui é minha irmã. Ela sempre vem, ela me traz frutas.

A senhora pode me contar um pouco sobre as festas dos seus filhos e netos? Existe uma festa que a senhora mais gostou ou que mais marcou na sua memória?

Teve umas festas de aniversário deles, eu gostei muito. No aniversário de 18 anos do meu menino, eu fiz cinco quilos de arroz com oito galinhas. Panela enorme! E fiz a galinha tudo desfiada pra ninguém ficar procurando pedaços. Eu gostava muito de fazer doce. Fazia doce de pêssego, banana, figo e doce de leite.

Com que idade a senhora começou a fazer crochê? Eu até vi a senhora fazendo crochê no seu quarto. Quem te ensinou? O que te faz gostar tanto de croche?

Eu parei de trabalhar com crochê porque quando eu fiquei sozinha, eu saí para trabalhar na cidade como costureira de cortinas. Aí eu parei de trabalhar, que eu não estava enxergando muito direito. E agora eu estou tratando minhas vistas. Eu aprendi sozinha. Eu vi a minha mãe fazer, mas só via, ela nunca me ensinou. Eu faço o crochê da minha ideia, eu conto os

pontos e sai alguma coisa lá. Fiz um tapete grandão assim vermelho, pra minha filha. Quase dois metros de largura. Faço rápido. Eu faço mais para preencher o tempo aqui agora. Ficar à toa assim, não sei ficar à toa. Ficar nas portas dos outros, menos ainda.

A senhora falou que gosta de se maquiar e gosta de batom vermelho. A senhora acha que combina com sua personalidade, gosta da cor? Tem algo que te atrai para o batom vermelho?

Desde menina, eu ia trabalhar na roça, eu pintava, e minha unha também, sempre comprida. Fui sempre de me pintar. Eu vou tomar café, eu vou almoçar, com batom.

A senhora tem muitas amigas aqui no lar? Tem alguma coisa que a senhora gosta mais de fazer aqui?

O que eu mais gosto é ficar dentro de casa. Às vezes eu me sento ali, embaixo da árvore, fico com umas amigas, mas é muito pouco. Eu tenho [uma amiga] que passa a roupa, e duas que moram aqui, Benedita e Marlene. ◆

MURAL ENTREVISTA: Onde a senhora nasceu e morava na sua infância?

APARECIDA DE LOURDES DE LIMA – Eu nasci em Franca e fui criada lá no Paraná. Mudei para lá com três anos; e saí lá para cá.

Quais as boas lembranças do bairro em que a senhora nasceu?

Eu lembro da casa da minha avó. Tinha um pasto, uma casa. E tinha uma árvore caída assim, de lado, sabe? E tinha um cachorro branquinho, sentado, que subia pela árvore. Ele subia e subia...

Até que ano a senhora estudou? A senhora gostava da escola, tinha muitos amigos?

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto. **Coordenador do curso de Jornalismo** Profº Geraldo José Santiago **Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)** Profª Elivanete Zuppolini Barbi **Projeto Gráfico** Prof. João Flávio de Almeida **Pautas, entrevistas e redação** Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa **Apoio técnico** Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: ORMIZIO SOUZA PEREIRA

Uma vida em constante aprendizado

A história de um homem trabalhador que realizou os seus desejos e nunca se rendeu à preguiça

REPÓRTER: JOSÉ LUIZ LOPES DE SOUZA

Ormizio Souza Pereira é um senhor de 84 anos, que passou a vida toda buscando expandir os horizontes. Enfrentou diversos obstáculos durante a carreira como motorista da prefeitura, mas sempre esteve feliz com a escolha que fez, sentia-se completo. Nasceu em uma época sem internet para comunicação. Por isso enfrentou os desafios da transição tecnológica. É conhecido por ser namorador e ter “sucesso no amor”.

Atualmente está residindo no Lar Padre Euclides em Ribeirão Preto, mas já morou em Tatuí. Você acompanhará a entrevista com a trajetória do senhor Ormizio. No final, há uma mensagem para os jovens da sociedade atual.



entrevista foi participada, esse diretor da área rural entrou em concordância comigo e me levou na cidade de Tatuí. E aí eu comecei. Área totalmente rural, um ambiente rural, era antigo patrimônio de poderio dos Matarazzo. Era uma potência, não tinha igual aqui no estado de São Paulo. Então ele consentiu, “você merece, mas vai ter que fazer o exame de admissão”. Depois do ensino fundamental, você já passa para outro. Um ano na íntegra, aí você vai ter um ano de estudo para dar continuidade aquele estudo rudimentar, o primário. Aí você tem que passar para a admissão. Nessas alturas, você passa no estudo de admissão, leva na cidade, aí você tá matriculado aí.

Eu vi que o senhor trabalhou nessa fazenda, pra isso teve um tempo de estudo e preparação. E soube que o senhor trabalhou na prefeitura, como foi isso?

Bom, aí eu estudei a admissão,

e entrei na prefeitura e depois me preparar com os pedidos necessários: documentação para motorista (habilitação), já levava no órgão que tava pedindo para o estudo. Aí a gente pega e já projeta o primeiro procedimento de premiação de concurso. Mas tem que estar com aqueles requisitos que eles pedem. Aí te mandam em um banco para pagar uma taxa, após esse banco, te mandam em qualquer universidade. A vaga era para motorista de caminhão. Aí vai passar por uma tese dos instrutores, que iriam passar pra você o que é de aplicar pra você. Colocam na lousa e aí passa na carteira e dali você vai usando sua inteligência até você atingir o fim da tese do dia, que ia qualificar (caso passasse) como motorista da prefeitura.

E o que motivou essa entrada na prefeitura? O senhor tinha um plano em mente?

Eu já tinha um objetivo, eu gostava muito disso, até

hoje eu gosto. Uso aquele estudo de livro de origem da Bia (funcionária do Lar que comanda o projeto do Conselho Municipal do Idoso, Clube da Leitura, no Lar), que eu pedi e pra ela, ela falou pode participar. Então explicaram para mim que eu estava sendo recrutado para ser motorista da prefeitura, pra empresa de ônibus daquele setor ali. Aí eu fui lá e eles passaram todos os dados pra mim na época. Chegou lá na sala e os que tiveram que apresentar, apresentaram. Muitos deles se afastavam antes de terminar o estudo, porque antes de você participar dali, você dava o documento e pegava uma folha de inscrição. Vai o primeiro, segundo dia, no terceiro dia você tinha que no objetivo. Aí eles dão parabéns, o conteúdo do que você participou naquele dia e leva no órgão da prefeitura, dali você vai ao banco pagar uma taxa e se você

não tiver preparado você não consegue o objetivo. Não consegue ir para lugar nenhum. Via muitos companheiros motoristas, dentro da universidade, uniformizado, quando tava no início ele chegava, entregava a identidade e via o currículo. Perguntava coisas sobre conteúdo que talvez ele nem lembrava mais, esquecia. É que eu pegava esses livros didáticos de netos, sobrinhos, irmãos que estavam estudando e ia praticando todo dia, até o dia que você tá preparado para enfrentar o embate. Aí precisava muita plenitude. Você tinha que ficar pronto para o que queriam fazer. Uma das primeiras coisas foram o Francês e o Latim. No tempo que eu fiz, o latim estava em todos os concursos.

Com toda essa experiência que mensagem o senhor deixa aos jovens de hoje?

O que eu posso deixar pro jovem de hoje é ter muita fé em Deus, muita plenitude, muita segurança e amar o próximo, a Deus sobre todas as coisas e você será feliz. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto. **Coordenador do curso de Jornalismo** Profº Geraldo José Santiago **Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)** Profª Elivanete Zuppolini Barbi **Projeto Gráfico** Prof. João Flávio de Almeida **Pautas, entrevistas e redação** Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa **Apoio técnico** Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: BRUNA LIZ

“Alcanço as pessoas com a minha arte”

Bruna Liz é produtora cultural periférica e ajuda jovens negros a terem outra visão de mundo

REPÓRTER:
LAURIANY BRAQUINO

Bruna Liz é uma jovem de 18 anos, nascida e criada em Ribeirão Preto e residente na zona leste da cidade. Quando ingressou no ensino médio, Bruna foi vítima de discriminação e preconceito. Ali teve início a manifestação de sua arte, enaltecendo principalmente a cultura preta. Além de artista visual, Bruna participa de projetos em escolas e faculdades, gosta de ler livros, conversar sobre política e, inclusive, já foi bailarina. Nessa entrevista, ela conta sobre como sua arte começou a alcançar mais pessoas, principalmente crianças, e o impacto que isso pode ter na vida de cada uma delas, principalmente por ser jovem também.

MURAL ENTREVISTA – De qual parte do seu trabalho você mais se orgulha?

BRUNA LIZ – Complexo. Mas, é alcançar as pessoas que sempre foram o meu foco. Ir às escolas, conversar com as crianças, principalmente aquelas que se encontram em vulnerabilidade social, e principalmente por ser na infância onde começa tudo e será o futuro. E conseguir representar com a minha arte, principalmente por eu ser nova também e trazer o pensamento de que elas também podem fazer o que sentem vontade, podem ter voz e encontrar conforto. Ainda tem muitas coisas que eu me orgulho, mas essa é a parte que eu mais fico tocada

Como se sente sabendo que está facilitando o acesso de muitos jovens e crianças à cultura,



Foto: Felipe Gondio / Divulgação pessoal

e consequentemente levando autonomia e representatividade?

Não deveria ser algo facilitado, e sim o mínimo. Como muitas pessoas têm o poder de mudar isso e não fazem, é nosso dever levar esse incentivo. É muito gratificante fazer parte disso. Eu já fui a criança a ter dificuldades em aceitar meu cabelo. Criar essa consciência de raça. É uma responsabilidade muito grande, mas é muito bom fazer parte disso

Qual a importância desse movimento nas periferias?

A maioria das crianças e adolescentes que moram na periferia, e até mesmo adultos, não têm outra perspectiva de vida ou incentivo por conta da situação onde vivem e do que vivem no dia a dia. Os movimentos sociais dentro da periferia são importantes para abrir a mente desses jovens, para até mesmo se enxergarem em algo, descobrirem que é bom em algo como pintar, cantar, criar poesia e criar consciência de que é direito

deles consumir a arte

Como surgiu a vontade de trabalhar com arte e levá-la às escolas, eventos culturais etc?

Sempre gostei e sempre tive incentivo em casa. Mas, quando eu comecei a trabalhar com pintura, de fato, vi que era muito limitado fazer só para mim, e quando eu percebi que as pessoas se sentiam tocadas pela minha arte, isso me fez envolver-me em projetos. Nunca pensei em trabalhar com crianças, até que dei uma oficina e gostei. E com as crianças, especialmente as que vivem em vulnerabilidade social, você descobre muitas coisas através do desenho, como uma situação em casa. [Trabalhar] na escola me fez trazer um lado mais político para minha arte

Por que você acha que o acesso à cultura, principalmente na criação de crianças e adolescentes, é importante?

Porque é ali que molda a personalidade e senso crítico da criança. E tendo esse acesso possibilita que

elas consigam ter outra visão sobre o mundo. O sistema não quer jovens que tenham senso crítico para não que não consigam alcançar espaços que não são feitos e pensados para quem está em classes mais baixas.

Como o projeto que você citou com os pais ajudaria crianças ou adolescentes a se desenvolverem melhor?

Acho que dá um ponto de luz, uma visão de caminho diferente a seguir na vida. Penso na criação de um centro cultural, onde haveria cursos para os pais e as crianças. Gostaria que fosse mais voltado para mulheres e mães que estão em situação de vulnerabilidade social

Quando você era criança, você sentia que faltava esse movimento?

Eu sentia falta, mas não tanto porque meus pais sempre incentivaram a mim e minha irmã a consumir cultura, arte, música. Mesmo a gente não tendo muito dinheiro, eles sempre incentivaram a gente. Mas, se eu tivesse tido mais acesso na infância, eu teria iniciado tudo isso mais cedo.

Você sente que a sua arte reverte o olhar das pessoas para a periferia?

Acredito que sim, porque quando a periferia é retratada é sempre ligada a algo triste, crimes, mortes – e realmente acontecem –, mas também acontecem ciclos e projetos para não acontecer isso. O lado cultura, do funk, do rap, a estética marginal, pessoas periféricas são as que produzem. Espero que a minha arte traga mais o olhar de valorização do povo periférico e principalmente do povo periférico e preto.

Qual a sua visão de futuro para o seu trabalho e principalmente para as periferias e jovens periféricos?

Sempre conseguir alcançar o máximo de pessoas, fazer projetos, levar consciência de classe e política através da arte e que tenham acesso à cultura e educação. Eu tenho muita vontade de colocar em prática um projeto que também engloba os pais dessa criança ou adolescente; e quero poder dar aulas, quero ser professora. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto. **Coordenador do curso de Jornalismo** Profº Geraldo José Santiago **Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)** Profª Elivanete Zuppolini Barbi **Projeto Gráfico** Prof. João Flávio de Almeida **Pautas, entrevistas e redação** Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa **Apoio técnico** Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: MAGNO BUCCI

Muito mais que apenas atuação

Magno Bucci, criador do GUT Unaerp, comenta sobre sua experiência no teatro e as origens do grupo

REPÓRTER:
LEONARDO SOUSA

O teatro consiste na representação de ideias, mundos, realidades, por meio da atuação. Essa expressão artística está intimamente ligada à história humana, com relatos de peças teatrais em várias partes do mundo. Das clássicas tragédias e comédias gregas e o milenar teatro oriental, até os clássicos europeus e a rica dramaturgia brasileira, o teatro possui diversas formas de contar uma história e transmitir emoções a quem assiste. Magno Bucci, conhecedor desta arte, criador e diretor do Grupo Universitário de Teatro da Unaerp (GUT), comenta sobre a importância dessa expressão artística, sua trajetória no teatro, a criação e importância do GUT.



e fiz a pós-graduação em Teatro na ECA. Fiquei 13 anos lá, mestrado e doutorado, mas já estava com uma carreira profissional como ator em São Paulo. Depois que comecei em 65 eu não parei mais.

O senhor é o responsável pela criação do Grupo Universitário de Teatro da Unaerp, o GUT. Como surgiu a ideia?

Vim para Ribeirão Preto em 1978 para dar aula de teatro na Comunicação Social e na Educação Artística, só que o primeiro ano foi muito teórico e a experiência ou a vivência dos alunos era muito pouca em relação ao fazer teatral. Então, eu propus à universidade que tivesse uma espécie de um laboratório. A faculdade aceitou criar. Acho que dois ou três anos depois conseguimos montar esse laboratório. O GUT é uma homenagem a Décio Almeida Prado que foi o primeiro a criar o GUT na USP, na

década de 1940. Daí que surgiu o GUT, que é o grupo de teatro universitário mais longo entre instituições particulares no Brasil inteiro; ele só parou durante a pandemia.

O grupo voltou aos palcos após a pandemia com a peça “E Por Si Muove!”. Como foi voltar?

É um grupo novo. Em tese, cada ano é uma formação nova, pois os alunos da universidade no primeiro ano, não sabem ainda, no segundo ano entram [no GUT] e no quarto saem para estágio. Mas, como trabalhamos com o grupo aberto à comunidade, tem gente que está comigo há 30 anos aqui. E sempre chamo para participar.

Qual a importância do GUT?

O GUT não é um grupo vocacionado. É um grupo que trabalha o teatro numa perspectiva pedagógica. O teatro não tem apenas a função estética, ele tem a

função social, ideológica, pedagógica. Acho que qualquer atividade artística que a pessoa opte é sempre um refinamento da natureza humana. A arte trabalha com o refinamento, abrir os horizontes, ter um olhar mais crítico. Então essa é a função, de conscientizar, ampliar a forma de ver, de encarar a vida, de se relacionar, de entender o mundo.

Sobre o teatro como arte. Qual o efeito que o teatro tem sobre as pessoas?

O teatro não só causa um efeito em quem atua, mas também em quem vê. É um enriquecimento de todos os lados, não apenas para quem pratica. Já houve muitas pessoas que vieram ao GUT apenas com a intenção de assistir, não tem problema, porque você educa também o espectador. Inclusive, tem teses acadêmicas que estudam a formação do espectador. Então, acho que na arte você ganha de todas as maneiras.

Na produção ou adaptação de uma peça, qual o senhor acha que é o principal desafio?

Se falarmos em termos financeiros, o teatro sofre muito, por isso tem uma série de leis para buscar patrocínio. Em relação à produção, eu vejo dificuldade na difusão porque se você escreve um livro, faz um filme, grava uma música, com um clique na internet o mundo inteiro conhece em segundos. O teatro não, teatro é presença viva, teatro é ali, naquele momento. Então, teatro é uma experiência única, teatro é quando você vê, teatro é lugar de ver. A maior dificuldade é essa, é uma arte presencial, é diferente, por exemplo, você gravar a peça e publicar, isso é um registro

documental, isso não é teatro, teatro é o momento.

O senhor realiza trabalhos em penitenciárias na região de Ribeirão Preto. Poderia comentar sobre?

É um trabalho completamente diferente, tem vários outros problemas que limitam, há problemas de alfabetização, de não fixação de texto. Lá não trabalho com texto, apenas com improvisação. A produção é diferente também, não é qualquer elemento, material, que pode entrar. Praticamente, todo o cenário é feito de papelão, porque é o único material que tem em abundância e que eles podem trabalhar. Mas é um trabalho extremamente importante, não sou pioneiro, mas é fundamental. É uma atividade que no começo foi recebida com certo receio, mas hoje em dia é até assunto de doutorado. Hoje eu continuo, mas com ex-presidiários, alguns que saíram de lá formaram um grupo e estou dirigindo, é uma evolução, mas qualquer trabalho lá é muito importante. Não se tem noção daqui de fora o que é estar lá dentro. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: ANTÔNIO JOSÉ DE ALMEIDA

"Não estudei direito, mas tenho o diploma da vida"

O palhaço Parafuso conta sua história no circo, o ambiente em que cresceu, viveu, trabalhou e conheceu parte da América do Sul

REPÓRTER:
MANUELLA SOUZA

Parafuso, como era conhecido Antônio José de Almeida, nascido em Frutal, Minas Gerais, cresceu dentro do circo, onde também trabalhou a maior parte de sua vida fazendo trapézio, palhaço e globo da morte. Diagnosticado com Mal de Parkinson, hoje está com 72 anos e mora há dois anos no Lar Padre Euclides, onde vem melhorando seu quadro clínico através da fisioterapia.



MURAL ENTREVISTA – Onde nasceu e passou sua infância?

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA – Nasci em Frutal, Minas Gerais, e passei minha vida viajando com o circo. Meus pais trabalhavam como toureiros de circo em Frutal, e se mudaram para Ribeirão Preto, onde se casaram. Já nasci dentro do circo e com 8 anos de idade, estava assistindo a um espetáculo do circo Biriba, gostei muito e a partir dali comecei a fazer parte.

O senhor estudou? Até que ano escolar?

Não consegui estudar direito. Por causa do circo ficávamos pouco tempo em cada cidade, então não me formei, tenho só o diploma da vida.

Como surgiu o palhaço Parafuso?

O apelido Parafuso surgiu através do meu pai que era conhecido como Parafuso.

Então começaram a me chamar de Parafusinho, quando meu pai morreu eu virei o Parafuso, mas não sei como surgiu esse o apelido.

Além de palhaço, o senhor também trabalhou no Globo da Morte. Já teve momentos de imprevistos ou incidentes?

No circo trabalhei fazendo o trapézio, palhaço e o globo da morte e já aconteceram algumas falhas nas motos quando estava me apresentando e acabei quebrando a clavícula e a perna.

O senhor viajou para outros países fazendo circo?

Viajei para 12 países da América do Sul com circo.

Qual sua melhor memória afetiva do tempo que passou no circo?

Foi no Chile, onde conheci minha primeira esposa, que foi assistir um de meus espetáculos e com ela tive duas filhas: Adriana e Natali.

Como se sente sabendo que seu trabalho atingiu e alegrou diversas famílias e crianças pelo mundo?

Tenho muito orgulho e felicidade em saber que entregava alegria para as pessoas.

Qual parte da sua trajetória na carreira circense que você mais sente falta? E depois já fora do circo? Em que o senhor trabalhou?

Quando parei com o circo senti saudades do público por perto e comecei a trabalhar fazendo propagandas de algumas lojas com participações no programa do Léo Oliveira.

O senhor teve filhos? Se sim, quantos?

Tenho quatro filhos. No primeiro casamento tive duas filhas, Adriana e Natali. Depois tive um namoro, foi quando nasceu seu meu terceiro filho, Francis; e minha filha caçula Micaela que é fruto do meu último relacionamento.

Como é a relação do senhor com sua família?

Meus filhos são casados e moram em outras cidades, morando aqui apenas a minha filha caçula Micaela, porém todos mantêm contato frequente, tenho uma boa relação com meus filhos. Hoje já tenho três netos, com mais um a caminho, e dois bisnetos.

Há quanto tempo o senhor está aqui no Lar?

Esse ano faz dois anos. Entrei no começo da pandemia.

Teve algum motivo específico para entrar no Lar?

Quando descobri que tinha Mal de Parkinson trabalhava no programa do Leo Oliveira, fazendo propagandas e comecei a sentir muita fraqueza. Um dia um conhecido barbeiro viu que eu estava andando com muitas dificuldades e com meu braço tremendo e comentou que poderia ser Parkinson. Fui a um médico que confirmou. No momento da notícia fiquei muito triste por ser uma doença sem cura, pois já estava tendo muitas dificuldades para andar e até tomar banho sozinho. Quando entrei no Lar Padre Euclides é como se saísse do inferno e entrasse no paraíso. Aqui me sinto em casa e junto com ajuda da fisioterapia e da minha força de vontade, hoje consigo andar e até mesmo dançar.

Como é viver aqui? Sua adaptação foi tranquila?

Gosto muito de morar no aqui, é como minha segunda família, minha adaptação foi boa, tenho saudades dos meus filhos, eles queriam que morasse com eles, mas eu prefiro ficar aqui, minha filha

caçula é a única que mora aqui e sempre que pode vem me ver, e mesmo os que moram longe sempre ligam e mantêm contato.

Tem amigos? O que mais gosta de fazer aqui? Quais suas atividades preferidas?

Me enturmei bem no Lar, principalmente por gostar muito de conversar isso ajudou. A atividade que mais gosto de fazer é a fisioterapia, ela vem me ajudando muito na minha evolução do Mal de Parkinson. Gosto de assistir novelas mexicanas, de dançar nas festas que tem no Lar. Acordo bem cedo, às 4h30, porque gosto de caminhar antes de começar as atividades diárias e às 19h30 já estou indo dormir. Também gosto de dançar nos bailes, jogar bingo, ir ao teatro e caminhar.

Se pudesse voltar no tempo, mudaria alguma coisa em sua vida?

Se pudesse voltar no tempo, eu seria novamente o palhaço Parafuso, que levou o nome de Ribeirão Preto para 12 países fazendo o que eu mais gostava, tenho muito orgulho. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto. **Coordenador do curso de Jornalismo** Profº Geraldo José Santiago **Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)** Profª Elivanete Zuppolini Barbi **Projeto Gráfico** Prof. João Flávio de Almeida **Pautas, entrevistas e redação** Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa **Apoio técnico** Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: AUGUSTO RAMOS

PASSADO E PRESENTE SE ENCONTRAM NO BOTAFOGO

Augusto Ramos comenta título de 2015 e projeta o futuro do Botafogo após acesso à Série B do Brasileiro

REPÓRTER: PEDRO HENRIQUE SCAPIN

O ex-jogador Augusto Ramos projetou o futuro do Botafogo-SP após o acesso da equipe para o Campeonato Brasileiro da Série B em 2023. De acordo com o antigo lateral esquerdo do clube paulista, a equipe deve manter os pés no chão e apostar na força do elenco, já que o Brasileirão é um campeonato muito extenso e o clube pode sofrer com lesões e transações. Ainda na entrevista, Augusto contou uma parte da sua história no clube tricolor e sobre o título inédito de campeão brasileiro da Série D, conquistado no final da temporada de 2015 e que abriu as portas para chegar agora à Série B. No final, o entrevistado ainda contou que o Botafogo, por ser o time que o revelou para o futebol brasileiro, é o seu clube de coração.



questões familiares ou outro fator?

Antes do Botafogo eu estava no Londrina, onde, em 2013, também disputei a Série D e jogamos contra o Botafogo. Eu vim jogar aqui no Santa Cruz e a atual diretoria, logo após o jogo, demonstrou interesse no meu retorno. Tive a oportunidade de ser contratado novamente e tive a felicidade de fazer parte daquela belíssima campanha de 2014.

Em 2014 o Botafogo chegou à final da Copa Paulista contra o Santo André e perdeu. Teve algum outro jogo que você se lembra de ter perdido que o deixou mais abalado emocionalmente?

Uma decisão em casa, a gente tendo todas as possibilidades de ser campeão e eu poder ter logo no meu primeiro ano conquistado meu principal objetivo aqui. Eu senti bastante aquela oportunidade passando e a gente não aproveitando, por mais que a gente saiba o quão difícil é chegar numa decisão. Uma outra

eu não me lembro, pois na sequência os nossos objetivos foram alcançados.

Era um elenco muito qualificado, jogadores muito bons e de alto nível. Comparado ao ano de 2022, tem alguma comparação entre os elencos?

O que muda mais é a forma como a equipe joga agora; a metodologia do professor Baier é diferente da do professor Veiga na nossa Série D. Nossa equipe era mais cascuda; conseguia um a zero em casa e no jogo de volta [o adversário] não conseguia tirar a vantagem. No título foi assim, conquistando o resultado em casa e segurando fora.

Qual jogador, nesses dois anos, teve grau de importância maior e foi mais decisivo?

Eu posso falar melhor no que eu participei, agora por fora, não tenho como citar, até porque não são somente os 90 minutos, tem o extracampo, mas acredito que no nosso título, dentro de campo, o Neneca foi

o maior destaque. Com a situação de ganhar em casa e segurar fora, todo jogo ele era o destaque. Acho que de vestiário vale rotular o elenco todo, todos tiveram grau de importância, tive amigos e colegas que, por lesões e outros motivos, nem jogam, mas que são peças importantíssimas.

Nos outros anos, o Botafogo não vinha numa sequência tão boa. Como o título e o acesso do Botafogo em 2015 impactou financeiramente e na imagem do clube?

Sempre que uma equipe conquista um título, ainda mais de âmbito nacional, em todos os sentidos eleva a instituição e os jogadores, porque todo mundo busca pessoas e instituições que atinjam os seus objetivos. Acredito que a marca cresceu e novos parceiros surgiram. O Botafogo, com toda sua estrutura e toda sua condição, já vinha numa ascensão e nós conseguimos concretizar com o título nacional.

Com o acesso, o que você espera do Botafogo para

2023 e o que o clube tem que fazer para se manter na Série B?

Agora como torcedor acompanho pouco, mas pela experiência e vivência que a gente tem [o time tem] que se manter no Paulistão e fazer uma boa campanha, que é uma campanha difícil e muito curta. Já na sequência, um campeonato extenso, precisa de um elenco qualificado. Vão acontecer problemas de lesões, transações, então tem que apostar na força do elenco para fazer uma boa campanha e por alguns anos conseguir se manter na Série B.

Hoje, o Botafogo é seu clube de coração?

Sim, até porque eu fui formado aqui. Passei por todas as categorias até chegar ao profissional e depois consegui fazer toda minha carreira, jogar por várias equipes e no término consegui voltar e fazer toda essa história que comentamos aqui. Então o Botafogo, com certeza, é o time do meu coração. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto. **Coordenador do curso de Jornalismo** Profº Geraldo José Santiago **Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)** Profª Elivanete Zuppolini Barbi **Projeto Gráfico** Prof. João Flávio de Almeida **Pautas, entrevistas e redação** Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa **Apoio técnico** Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA – Em 2001, o Botafogo chegou na final do Paulista e você, com 15 anos de idade, subiu ao profissional. Qual foi a maior dificuldade naquele momento: se manter no elenco ou disputar a vaga? AUGUSTO RAMOS – O meu maior e principal objetivo foi me manter. A cada temporada mudava o treinador, ou até mesmo dentro da temporada, e a gente tinha que ir se reafirmando como uma opção de elenco, opção de suplente, até conquistar a vaga.

Em 2014, você volta ao Botafogo. Teve algum motivo em específico? Foi por dinheiro, pela gratidão ao clube por ter te revelado,

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: EDUARDO COSTA

Várias paixões e todas bem realizadas

O professor, músico e escritor Eduardo Costa mostra como é ser multiprofissional e viver do que se gosta

REPÓRTER:
ROBERTA MUSSATO

Eduardo Costa, 39 anos, é um professor apaixonado pela arte. Na cidade de Monte Alto encanta crianças e jovens ao ensinar gramática por meio de composições com seu cavaquinho. Atualmente trabalhando em uma escola particular, Eduardo não deixa sua outra faceta de escritor para trás. Com dois livros publicados, já está pensando no terceiro. Mas, viver de literatura morando no interior não é algo fácil, pela falta de oportunidades e, no caso dos livros, até por falta de pontos de venda. Em Monte Alto, por exemplo, não há nenhuma livraria. Tudo isso faz o entrevistado ter mais de uma profissão. Assim, além de ser professor e escritor, ele também se apresenta, com seu grupo de samba, em bares da cidade.



seguida, parti para os contos e os romances que tenho publicado e que pretendo publicar ainda.

Quais foram as maiores dificuldades que você encontrou quando descobriu que queria trabalhar com a arte, criando, compondo, escrevendo?

A grande dificuldade é você propagar o seu trabalho, vender livros, tocar em lugares que te valorizem e te paguem bem. Viver de literatura hoje no Brasil é meio impossível, porque somos um país de não leitores, então acaba se tornando um hobby, publicar e ser reconhecido pelo menos na sociedade em que vive. Eu uso mais como um incentivo para instigar os meus alunos, porque é diferente quando você tem um professor e quando você tem um professor que também é escritor.

Como e porque você decidiu levar a sua arte para a sala de aula; e como os alunos reagem a essa forma de ensino?

Em relação à música eu consegui reunir duas paixões que é o amor pelo ofício de ser professor e pela

música. Trazer a música para a sala de aula é na verdade um novo jeito de conquistar e tornar a aula mais dinâmica, eu consigo prender a atenção dos alunos com a música e tornar a aula mais prazerosa. É uma coisa que eles vão levar para a vida toda, sempre vão se lembrar de um professor que tocava cavaquinho na sala de aula, que ensina cantando. É uma forma de ficar na memória deles.

Você acha que a música pode ser um meio de transformação educacional?

Totalmente. Não só a música, mas qualquer tipo de arte. A arte pode ser transformadora, ela pode não deixar a pessoa bem sucedida financeiramente, mas pode deixá-la também bem sucedida emocionalmente, então é uma forma de você se colocar no mundo em que você vive.

Qual a sua opinião sobre como a arte é vista e valorizada no Brasil?

A arte ainda é elitizada, porque se você pegar os grandes artistas populares

como Caetano Veloso, falando de música, você não compra um ingresso por R\$20. Quem vai a shows de artistas que representam a música brasileira é só a elite. Se você quiser ir a um show do Caetano Veloso, o ingresso custa em média R\$110,00. Que pai de família tem condições de comprar o ingresso e ir ver um artista popular? Então, a arte não é democrática.

Como é o mercado editorial no Brasil? O que é necessário para um escritor publicar e vender o suficiente para viver de sua literatura?

O mercado editorial no Brasil é muito caro. Se eu fizer uma produção independente e quiser postar 50 livros digitais eu gastaria em torno de R\$ 3 mil, e para vender esses 50 livros é difícil porque é preciso vender por um valor que pelo menos pague o seu investimento. Por isso, você vai andando devagar, até seu livro chegar em uma editora que acredita no seu talento e queira publicar o seu livro e te dar uma porcentagem dele. O que se tem no Brasil hoje são autores independentes que procuram editoras, pagam para elas fazerem a produção do livro e depois revendem e isso é muito difícil, tem que ter dinheiro.

E a música? Também é difícil viver de música no País?

Quando comecei a tocar tinha esse sonho de viver da música, mas o meu instrumento que é o cavaquinho, por ser um instrumento popular, não temos bons professores aqui em Monte Alto. O meu gênero musical que é o samba também [sofre] um pouco

de estereótipos. O samba para ganhar o espaço que ganhou tomou muita paulada na época do Cartola, da Clementina de Jesus, só que ainda sofre com esse olhar estereotipado.

O que seria necessário acontecer para que os brasileiros, especialmente as crianças e jovens, passassem a consumir mais literatura, música e outras formas de expressão artística de qualidade?

Isso vem de berço, é claro que cada um tem o seu gosto, mas se a família mostrar para criança o que é realmente a música, quais são os gêneros musicais que o Brasil tem, mostrar os grandes músicos, os grandes autores da literatura, os grandes contos infantis... Quando você começa a mostrar isso desde cedo para ela que temos grandes autores, obras poéticas como Vinicius de Moraes, João Bosco, a criança já terá uma boa base. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratório MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: BERNARDO PAIAS FERREIRA

Uma nova joia no futebol brasileiro

“Tenho como meta jogar em grandes clubes, vestir a amarelinha”, diz Bernardo

REPÓRTER:
THIAGO COTRIM

Bernardo Paias Ferreira, 17 anos, nascido em Ribeirão Preto, é uma das joias das categorias de base do Santos que vem sendo lapidadas para subir ao profissional e se tornar mais um dos Meninos da Vila. O atleta, desde cedo, mostrou potencial, pulou etapas iniciais e chegou no alvinegro praiano. Atualmente, Bernardo vive no Santos o que talvez seja o melhor momento de sua carreira até hoje. Está se consolidando como um dos principais, se não o principal jogador do sub 17 da equipe alvinegra. Se tornou um jogador completo, marca gols, dá assistências, tem velocidade, facilidade com ambas as pernas, é habilidoso, polivalente e não se esconde nos momentos decisivos dentro das grandes partidas.



os pontos mais fortes do seu jogo. Meu estilo de jogo é mais controlado, de manter a posse de bola de maneira inteligente. Eu gosto mais de atuar como meia atacante, ficando mais próximo do gol. Os pontos que considero mais fortes do meu jogo, na minha visão são a inteligência e velocidade para tomar as decisões corretas no jogo, e algo que é raro no futebol, que é ter uma grande facilidade com ambas as pernas, ser praticamente ambidestro, e com isso, ter a competência para conduzir, passar e finalizar com as duas pernas.

Antes de integrar as categorias de base do Santos, você fez outros testes e foi aprovado em outros clubes. Poderia nos falar um pouco mais disso e, principalmente, sobre os principais motivos que o levou a optar pelo Santos? Sim, também fiz testes no São Paulo, onde também fui aprovado. Mas junto aos meus pais, acabamos decidindo ir para o Santos por algumas

questões, como ser mais livre, pelo fato de lá ter praia, por não precisar ser alojado aos 14 anos, que é o caso no São Paulo e também por conta dos famosos Meninos da Vila que são formados por aqui.

Já puxando o gancho sobre o São Paulo, ainda dentro da pandemia você chegou a se transferir para o tricolor paulista. Me fala um pouco mais sobre esse processo, até ao retorno para o Santos. Esse acontecimento foi um erro na minha opinião. Um erro em conjunto, que eu, meus pais e meus agentes cometemos. Claro que no momento achamos que seria o melhor para mim, mas vendo agora acredito que tenha sido uma decisão equivocada na minha carreira. Principalmente por não ter me acostumado a morar sozinho, sem minha família. E acabava demorando muito pra voltar pra casa por conta da pandemia, então acabei decidindo voltar para o Santos, de onde eu nunca deveria ter saído. Mas,

também tem o lado positivo, foi um aprendizado e uma experiência.

Como lidar com as cobranças e expectativas que são criadas e geradas em cima de um atleta de base com destaque já em um time de ponta? A gente já chega sabendo do tamanho da pressão que vamos encontrar, ainda mais por ser um clube gigante e tradicionalmente muito forte dentro das categorias de base, mas tento levar da melhor maneira possível, até pelo fato de eu mesmo ter uma grande cobrança interna.

Os atletas não podem sair, não podem aproveitar a vida, como se não fossem uma pessoa comum. Existe todo um processo de alimentação, treinamentos e disciplinas essenciais para elevar o desempenho e ficar longe de polêmicas. Como você lida com isso e como faz para não misturar a vida pessoal com a profissional? Sim, infelizmente você tem que abdicar de diversas coisas durante toda a carreira. Em épocas de campeonatos e treinos principalmente, nós atletas temos que abrir mão de bastante coisa, ser muito cuidadoso em relação a festas, má alimentação, entre outras. Mas, meus pais sempre me alertaram que se eu realmente tenho vontade, e mais que isso, o sonho de me tornar um grande jogador, de jogar nos principais clubes, tudo isso seria necessário, porque senão eu vou ficando para trás. E também ter em mente que só temos a ganhar com isso, vamos colher os frutos no futuro.

É comum ver as torcidas tendo mais carinho e paciência com atletas que vêm da base. O quanto isso ameniza o lado negativo

da pressão colocada principalmente em jogadores jovens? Ajuda bastante, principalmente aqui no Santos que a torcida tem bastante paciência com os meninos que sobem da base. Eles sabem que apesar das expectativas criadas, não vai ser de uma hora para outra que o menino vai deslanchar como recentemente foi o caso do Rodrygo, e principalmente do Neymar. E temos que saber que apesar de todo esse apoio, isso não nos garante nada, então não podemos nos acomodar.

É natural que os jovens jogadores almejem ir para a Europa e representar a Seleção Brasileira, passa a ser um objetivo pessoal. O que você desenha e deseja para sua carreira. Minhas ambições não ficam longe dessas, tenho como meta jogar em grandes clubes, vestir a amarelinha, e claro, marcar gols, conquistar títulos, e entrar para a história por onde eu passar, inclusive por aqui no Santos. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: LUIZ PUNTEL

“Ao ler um livro, o livro me lê”

O escritor Luiz Puntel comenta sobre a importância de se incentivar o hábito da leitura para crianças e adolescentes

REPÓRTER: VITÓR BAPTISTA

Os livros despertam sentimentos, emoções e, principalmente, a imaginação. A maioria dos hábitos é construída na infância, sendo importante incentivar hábitos de leitura logo nos primeiros anos de vida de uma pessoa. Ler uma história com um tema sério pode conscientizar uma criança sobre muitos aspectos da sociedade. O escritor Luiz Puntel, autor de obras que integram a coleção de livros infanto-juvenis Vaga-Lume e indicado ao Prêmio Jabuti de 2005, comenta a importância desse hábito na formação pessoal e social dos jovens leitores. Nesta entrevista, também conta sua trajetória profissional e as particularidades de suas obras.



peguei essa veia social.

Seus livros são muito bem aceitos pelo público, inclusive são leituras obrigatórias em algumas escolas. O que o senhor utiliza como elementos para cativar seus leitores?

Eu já começo o texto narrativo com muita ação, pois se eu não ganhar esse leitor na primeira página, não ganho depois. Os livros juvenis têm que ter essa rapidez e [abordar] um assunto que interesse para esses jovens. É uma faixa etária muito infiel, não tem a maturidade para se concentrar para a leitura.

O livro Meninos sem Pátria trata do exílio durante a ditadura militar. A obra acabou sendo censurada recentemente, em 2018, no Colégio Santo Agostinho, no Rio de Janeiro, por conta da pressão feita por um grupo de pais, que inclusive te acusaram de apologia ao

comunismo. Como o senhor analisa essa situação e a visão desses pais sobre o período ditatorial que o Brasil viveu?

Esse livro já foi discutido em colégios do Rio de Janeiro, onde no palco estava eu, uma guerrilheira que tinha sido exilada e estava também um coronel, mostrando para aqueles alunos que estavam ali que, embora com visões diferentes a respeito da ditadura, era possível se conversar e dialogar a partir da obra Meninos Sem Pátria. Em 2018, havia a mesma polarização que está havendo agora. Então, o colégio deveria fazer e não fez, era chamar o autor, chamar as mães que estão reclamando, chamar um militar, alguém que foi exilado e colocar todos pra conversar de maneira civilizada, de maneira a respeitar o outro, mas não houve isso.

O seu livro Grito do Hip Hop foi indicado ao Prêmio Jabuti de 2005 e conta a história de um jovem pobre que consegue ascender socialmente por conta do acesso à cultura. Qual a importância desse livro para um jovem que vive uma situação semelhante ao do protagonista, vivendo na vulnerabilidade social?

Os livros têm essa função. Então você pega um menino periférico que não tem acessibilidade, para falar sobre o hip hop, que não é abordado na escola, porque quem está dando aula para ele não é daquela comunidade, vindo de outro estamento social, com outra visão de mundo. A importância é que um jovem ao ler, vai se identificar, vai ver a mensagem que tem ali, de fazer o certo, de respeitar o outro, de não usar da sua exclusão como ódio a quem está incluído.

Nos últimos anos percebemos que muitas atividades que faziam parte da rotina das crianças e dos adolescentes foram deixadas de lado e trocadas quase exclusivamente pelo celular. Uma delas são os livros. Porque a literatura se tornou tão pouco atrativa para esse público?

Isso é muito relativo. No Brasil nunca fomos um país voltado culturalmente para a leitura. Mesmo antes do celular e da internet, nós não fomos um povo de leitura constante. Nós não valorizamos a leitura.

Como reverter essa situação?

Se uma criança ver o pai lendo, a mãe lendo, se há nessa família a prática da leitura, esse hábito vai

ser valorizado. Não só na família, como também na escola. Se a professora dá um livro para cobrar como castigo, esse menino nunca vai gostar de ler.

Principalmente no Brasil, um país que forma poucos leitores, na esfera escolar, as escolas podem buscar novas formas de incentivar a leitura entre os alunos?

O aumento da leitura vem na medida em que nós trabalhamos isso. Na escola, uma professora que incentiva o aluno a ler e não faz da leitura algo obrigatório, como algo que ele tem que ler para fazer prova, desperta o gosto da leitura, o prazer de uma narrativa.

E para terminarmos, em poucas palavras, qual o papel do escritor na formação de opinião de um jovem?

Ao escrever, eu sei que alguns leitores vão ler e refletir, e ao ler um livro o livro te lê, então a sua visão de mundo é produto da leitura que você faz. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratório MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)